



M E N T R E S
M E A D R A S



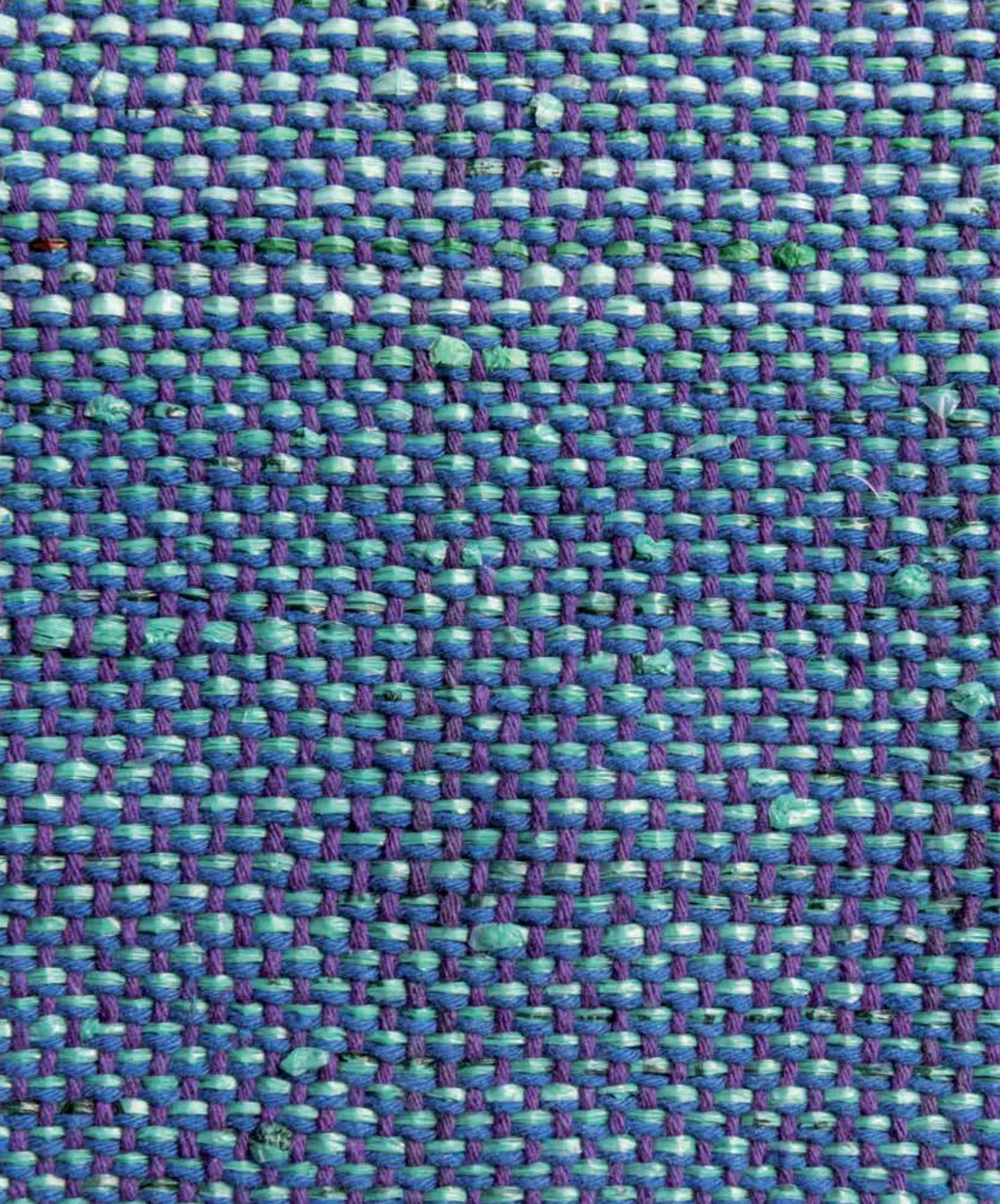
M ^E **E** ^N ^T ^R ^E **A** **D** **A** **S**

30 de abril a 14 de agosto de 2022



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
Danilo Santos de Miranda	
O FAZER COMO AGENTE DE MUDANÇAS	6
Adélia Borges	
PARTICIPANTES	
ABAYOMI ONÃ	14
ACTC - CASA DO CORAÇÃO	18
ARTE E VIDA	22
ARTE ROSES	24
ARTESÃS DA LINHA NOVE	26
BANARTE	28
BORDADEIRAS DO JARDIM CONCEIÇÃO	30
CLEIDE TOLEDO	32
COLETIVO BORDAEMIA	34
COLETIVO YBYATÃ	38
COOPERATIVA LILI	42
ELIANA BOJIKIAN POLITO	46
LUCINDA BENTO	48
MULHERES ARTESÃS DA ENSEADA DA BALEIA	52
NHANDUTI DE ATIBAIA	54
ODETE CORADINI	58
OFICINA DOS ANJOS	60
PIRADAS NO PONTO	62
POVO INDÍGENA GUARANI MBYA	66
PROJETO TEAR	70
QUILOMBOS IVAPORUNDUVA E SAPATU	74
RENDEIRAS DA ALDEIA	78
SÃO BENTO POR VÁRIOS FIOS	82
PINTAR E BORDAR	84
PROCESSOS E CONTEXTOS	
TRAMA ESPACIAL	90
Adriana Yazbek	
EM MEIO ÀS MEADAS	92
Tissa Kimoto	
HOMENAGEM A UMA GUERREIRA	96
LISTA DE PARTICIPANTES	98
FICHA TÉCNICA	100



FIOS QUE PERMEIAM HISTÓRIAS

As narrativas construídas sobre a chamada cultura popular são, muitas vezes, assimiladas em campos de oposição em relação a uma pretensa cultura erudita. A partir dos trabalhos de pessoas atuantes na área, e para além das possíveis generalizações e romantizações, hoje as discussões acerca desses campos e das produções deles advindas vêm ganhando destaque e reverberam na sociedade.

Pelas cabeças e mãos das mulheres e homens que no Brasil nasceram ou que aqui chegaram, o fazer popular rememora a agência das comunidades indígenas originárias da nossa terra, potencializada pelo agir de africanos e africanas que, ao longo da diáspora, foram forçosamente transplantados para outros continentes. Os registros históricos da presença e resistência desses povos permanecem no fazer intelectual e manual da cultura do nosso país.

Como o mitológico fio de Ariadne pelo labirinto da história, no solo fértil da criatividade humana, as linhas e as tramas são símbolos que costumam e afirmam sociabilidades, reforçando os sentimentos de pertença e de identidade cultural, possibilitando a transmissão de técnicas em momentos de partilha de valores e afetos.

Nessa perspectiva, a exposição **Entre Meadas** apresenta as obras de mulheres artesãs do estado de São Paulo, mestras cujos trabalhos são veículos de outras narrativas e de reinvenções histórica e criativa. Produções artesanais cujos modos de fazer de suas artífices e comunidades em que se realizam são patrimônios imateriais, remetendo à ancestralidade e à permanência das tradições, somadas às transformações próprias do tempo e das gerações.

Reconhecendo a pluralidade de discursos e práticas culturais presentes em território nacional, o Sesc cumpre seu compromisso educativo ao difundir tais patrimônios. Desta forma, a instituição instiga, por meio da arte, reflexões que possibilitam estabelecer conexões e sentidos, estimulando diferentes olhares para as manifestações expressivas populares.

Detalhe de tecidos elaborado com sacos plásticos reutilizados e fio de algodão, Projeto Tear.

Danilo Santos de Miranda
Diretor do Sesc São Paulo

O FAZER COMO AGENTE DE MUDANÇAS

Entre (Preposição) Em meio a; no interior de; junto de; em relação recíproca.

Meada (Substantivo feminino) Porção de fios de lã, algodão, seda etc., dobrados em muitas voltas.

Entremeada (Adjetivo) Que possui alguma coisa de permeio; colocado no meio de; que possui coisas em seu interior; misturada.

A exposição **EntreMeadas** apresenta trabalhos de mulheres paulistas que usam linhas, fios e fibras como meios de autoexpressão, de interpretação criativa de sua própria identidade e de manifestação de cidadania. O olhar curatorial privilegiou o trabalho de associações, cooperativas e comunidades para as quais o artesanato é também uma fonte importante de geração de renda.

A mostra nasceu como uma encomenda da equipe do Sesc Vila Mariana. Com o nome de “Mestras populares: Mãos femininas que tecem histórias”, o objetivo era apresentar os trabalhos de mestras artesãs de todo o país, dentro do universo têxtil e da cestaria. Nossas pesquisas começaram na tentativa de identificação de quem são as mestras populares brasileiras, reconhecidas como tal. Há uma carência enorme de dados sobre essa prática tão dispersa em pequenos grupos pelo Brasil afora, quase sempre desprovidos de meios para divulgar suas atividades.

E como se dá o reconhecimento da maestria? Vários países instituíram mecanismos de Estado para valorizar os saberes e fazeres de seus artesãos. O Japão foi o pioneiro ao aprovar, em 1950, uma lei para a proteção das propriedades culturais, de promoção da salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Muitos artesãos passaram a ser reconhecidos juridicamente como “Tesouros Humanos Vivos”, recebendo subvenções do Estado e uma série de incentivos para que pudessem difundir suas práticas e ter uma vida digna.

Identificamos no artesanato paulista uma insuspeitada riqueza de expressões plurais, com muita qualidade e em plena ebulição criativa. Ele se encontra vivo, diverso e renovado.

Não nos move uma nostalgia regressiva, que vê no conhecimento popular algo parado no tempo, algo que se quer manter como está para que permaneça supostamente autêntico.

O Brasil instituiu, em 2000, a figura do registro de Patrimônio Imaterial, que engloba “conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades, rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social”. O primeiro bem registrado foi o Ofício das Paneleiras de Goiabeiras – artesanato fe-

minino que é um dos maiores símbolos da identidade cultural do Espírito Santo. Até 2018, foram registrados 47 bens imateriais pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O único ligado ao saber têxtil – tema desta exposição – é o Modo de Fazer Renda Irlandesa, praticado por cerca de uma centena de artesãos em Divina Pastora, interior de Sergipe, registrado em 2009 no *Livro de registro dos saberes*.

Nos âmbitos estaduais, alguns poucos estados – até onde conseguimos apurar, apenas Alagoas, Bahia, Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte – desenvolveram políticas de reconhecimento e valorização dos mestres. A palavra, aliás, é sempre usada no masculino. Mestra soa até estranho aos ouvidos, mesmo que, estima-se, 85% dos artesãos brasileiros sejam mulheres.

Em nossas investigações, mapeamos dezenas de mestras populares brasileiras com trabalhos admiráveis, que, embora sem os avals oficiais, mereceriam integrar a exposição, muitas das quais já bem conhecidas pelo público. Qual critério adotar para escolher algumas em detrimento de outras?

Simultaneamente, à medida que as pesquisas foram se aprofundando, identificamos aqui ao redor, em nosso próprio estado, expressões plurais, com muita qualidade e em plena ebulição criativa. Essas descobertas foram uma surpresa para nós mesmas, pois quando se fala de artesanato, a associação imediata das pessoas é com o Nordeste ou com estados como Minas Gerais. Uma das razões para isso é, sem dúvida, o fato de as iniciativas locais de fomento serem bem mais tímidas aqui do que as similares promovidas por lá. Também se supõe que no berço industrial e tecnológico do país inexistiriam formas mais “arcaicas”, digamos assim, de produção. Da constatação dessa insuspeitada riqueza surgiu a ideia do recorte geográfico que, ao contrário de limitar a mostra, a nosso ver, amplia sua potência.

Há vários exemplos de artesanato tradicional no estado de São Paulo. É o caso da cestaria Guarani Mbya, considerada sagrada na cultura desse povo. Parte constituinte de sua sabedoria e espiritualidade, ela apresenta inúmeros grafismos e modos de trançar, mantidos intactos ao longo do tempo. É também o caso das rendas, que chegaram ao Brasil via imigrantes portugueses e europeus. Foi nesse segmento de trabalhos de grande delicadeza que identificamos duas mestras certificadas pelo Prêmio Culturas Populares do Ministério da Cultura: Wilma da Silva, do Rendeiras da Oca, que recebeu o prêmio em 2013; e Elizabeth Horta Correa, do Nhanduti de Atibaia, em 2017. Cabe lembrar que a elaboração de um dossiê detalhado sobre o histórico da atividade do candidato ou candidata é o primeiro passo nos processos para se obter o reconhecimento da maestria, e quase nunca os próprios artesãos têm condições de elaborar, eles próprios, seus dossiês. Certamente, os estados que têm mais mestres e mestras homenageados são aqueles em que há políticas públicas mais consistentes voltadas à promoção do artesanato. Se considerarmos apenas os méritos próprios dos artesãos e artesãs, não haveria como justificar a ausência de reconhecimento a nomes como o da tecelã Lucinda Bento, que já ensinou o ofício da fiação, do tingimento e da tecelagem para mais de uma centena de pessoas em Américo Brasiliense. E mesmo grupos que se formaram há uma ou duas décadas apenas, como o das Artesãs da Linha Nove e o das Bordadeiras do Jardim Conceição, hoje têm na atividade docente uma parte importante de sua atuação.

Por outro lado, temos em São Paulo muitas iniciativas que se destacam pela inovação e pela experimentação. A dinâmica da cultura é marcada por uma eterna transformação. Lembro isso porque não nos move uma nostalgia regressiva, que vê no conhecimento popular algo parado no tempo, algo que se quer manter como está para que permaneça supostamente autêntico. Um exemplo de inovação é o uso de lixo marinho na elaboração de objetos. Matéria-prima “nova” usada como um recurso pelas Mulheres Artesãs da Enseada da Baleia.

ESCOLHAS CURATORIAIS

No difícil processo de seleção daquilo que integraria a exposição, nosso olhar privilegiou as iniciativas em que se pôde perceber como o artesanato é capaz de ser um agente de mudanças. Mas que mudanças? Na verdade, de toda sorte. Do ponto de vista da economia, podemos compreender o poder do empreendedorismo de base comunitária dentro do guarda-chuva da economia criativa. Graças às produções artesanais, mulheres conquistam sua autonomia econômica – ou pelo menos a melhoria de suas condições financeiras – sem que precisem deixar a casa e os filhos sendo cuidados por outras mulheres enquanto trabalham como empregadas servindo a outras famílias, depois de enfrentar um longo tempo nos trajetos de transporte público entre casa e serviço.

Na visão hierarquizada de uma certa tendência que permeia a cultura ocidental, o artesanato é visto de forma depreciativa, como o último degrau numa escala de valor.

Do ponto de vista social, podemos observar vários benefícios que a prática do trabalho manual traz ao coletivo. Nos últimos anos, muitas agremiações conseguiram criar sedes nas quais as associadas podem trabalhar juntas e, assim, conversar sobre suas vidas e trocar ideias. Várias alternam o trabalho nesses lugares com suas próprias casas, onde podem conciliar as tarefas domésticas (como cozinhar, lavar, passar, cuidar dos filhos) com a elaboração de peças.

Nesses processos, as mulheres se emancipam, adquirem mais confiança em si mesmas. Desenvolvem um espírito de trocas entre si, um espírito de solidariedade. Em seu site, o Instituto Acaia, que está por trás do grupo das Artesãs da Linha Nove, pontua: “As mulheres encontraram no bordado uma prática de resistência, fortalecimento e de possibilidade de viver relações de solidariedade. Bordar se tornou uma prática de tecer um pouco de paz dentro dos corações sobrecarregados por tantas violências que as mulheres suportam todos os dias”.

Do ponto de vista pessoal, várias entrevistadas no decorrer da pesquisa se referem ao bem-estar que a prática manual lhes traz. Para muitas, é uma espécie de meditação, de relaxamento, em que a mente se esvazia e também é possível entrar num outro ritmo de tempo, em que a lentidão está diretamente relacionada ao esmero da prática e ao desenvolvimento das habilidades.

Do ponto de vista cultural, podemos observar, em vários projetos, como as mulheres se apropriam de suas próprias identidades e as traduzem criativamente. Os trabalhos contam suas histórias. Muitas se reconectam com seus antepassados – com a avó, a bisavó –, e nessa reconexão têm lugar também as jovens, as adolescentes e as crianças. Resiliência, colaboração, confiança, solidariedade e compartilhamento foram palavras frequentes nas entrevistas e nas conversas.

Os exemplos bem-sucedidos de projetos comunitários revelam ações de longo prazo e a soma de equipes multidisciplinares visando melhorias técnicas e estéticas nos objetos.

Várias iniciativas apresentadas nesta exposição revelam uma compreensão extraordinária dos alcances que a prática pode ter. Veja-se o exemplo da Arte e Vida – Associação de Mulheres Artesãs de Guapiara, criada em 2012. O estatuto da associação enumera entre seus objetivos: “incentivar o artesanato de forma integrada, promovendo o fortalecimento das cadeias produtivas locais da economia popular e solidária”; “estimular a organização na área de artesanato, visando apoiar as iniciativas das artesãs para melhoria de renda e das condições de vida dos associados e de seus familiares”; “estimular entre os associados e seus dependentes o espírito associativo, a cooperação e solidariedade”; e “promover o desenvolvimento regional, integrado e sustentável por meio da atividade artesanal”. Que clareza! Uma verdadeira síntese das várias dimensões do artesanato.

No que tange aos grupos comunitários, vale ressaltar que são muitos os atores necessários para que um empreendimento artesanal dê certo. Há necessidade de ações de longo prazo e a soma de equipes multidisciplinares tendo como objetivo, por exemplo, garantir a maior qualidade técnica e durabilidade dos produtos, o gerenciamento do negócio, a definição de tipologias que tenham procura no mercado, o apuro estético. O desenvolvimento dos objetos com fibra de bananeira no Vale do Ribeira, por exemplo, começou em 1991 e prossegue até hoje.

Várias organizações governamentais e da sociedade civil ou movimentos sociais têm atuado na promoção do artesanato. ArteSol, Associação das Mulheres na Economia Solidária do Estado de São Paulo (Amesol), Instituto Ecotece, Instituto Socioambiental (ISA), Rede de Saúde Mental e Economia Solidária, Sempreviva Organização Feminista (SOF) e Sutaco, do governo do Estado, são algumas das instituições que se relacionam com projetos apresentados na exposição.

Outra vertente apresentada na mostra é a de grupos urbanos, que vêm fazendo trabalhos manuais como atos de resistência e cidadania. Algo que lembra a atuação do grupo chileno Arpilleras, formado inicialmente por bordadeiras de Isla Negra e que depois se disseminou no país. Elas transformaram o bordado em arma contra a ditadura, usando pedaços de roupas de desaparecidos políticos e denunciando violações dos direitos humanos.

No Brasil, vários dos grupos urbanos usam as plataformas virtuais para divulgar seus trabalhos. Jovens transmitem técnicas por meio de vídeos no YouTube, rimando pontos de bordado ou tipos de crochê com expressões como empoderamento feminino, empreendedorismo e ativismo.

Uma tônica comum aos grupos selecionados é a ênfase no coletivo, com a recusa em destacar uma integrante em detrimento de outras. Na encomenda dos trabalhos para integrar a mostra, tivemos que lidar algumas vezes com a espera por reuniões em que se deliberaria em conjunto sobre nossas solicitações. E também, vale lembrar, com os prazos dilatados para a entrega dos objetos, confirmando que, no artesanato, o que prevalece é o tempo da delicadeza, o qual não é possível abreviar.

As mulheres foram nosso foco central; alguns grupos, porém, também têm homens entre seus integrantes. Um esforço extra foi repertoriar o nome completo, o local e o ano de nascimento de todas e todos os participantes, o que não é usual em exposições de artesanato, nas quais, via de regra, prevalece o anonimato ou as referências genéricas.

O título se refere à capacidade de, juntas e misturadas, mulheres de diferentes gerações, procedências e classes sociais reinventarem poeticamente o mundo em que vivemos.

A dificuldade de fazer a seleção final dos participantes só confirma que o artesanato paulista se encontra vivo, diverso e renovado. Ao contrário de se retrair, ele vem se expandindo na contemporaneidade. Nesse processo recente, há uma ressignificação da atividade, que alude a valores como calor humano, singularidade e pertencimento. Fazemos um parêntese aqui para lembrar que isso não ocorre só em nosso

estado, mas é um fenômeno global, que atinge países desenvolvidos ou em desenvolvimento. Um fórum que vem mapeando essas iniciativas e promovendo reflexão a respeito delas é a conferência acadêmica *Making Futures*, realizada desde 2009 pelo Plymouth College of Art, na Inglaterra. Ela investiga o artesanato, o movimento *maker* e a arte como potenciais “agentes de mudança” na sociedade do século XXI, apontando a emergência de uma estética de produção e consumo com base em movimentos de pequenos artesãos.

Essa ressignificação ocorre também no âmbito da arte contemporânea. Há cerca de duas décadas, houve um deslumbramento com as tecnologias digitais. Muitas instituições criaram programas destinados a essas áreas. Mostras de arte eletrônica se sucederam. Na atualidade, artistas que trabalham com técnicas como bordado, crochê e tricô vêm conquistando espaços cada vez maiores em museus, galerias e feiras de arte. Leonilson, Ernesto Neto, Rosana Paulino e Arthur Bispo do Rosário são exemplos da valorização de obras que têm materialidade construída com as mãos

Mesmo com esses avanços, persiste um forte preconceito em relação ao artesanato. Na visão hierarquizada de uma certa tendência que permeia a cultura ocidental, artesanato é o último degrau, visto de forma depreciativa. Algumas pessoas que querem valorizar o feito à mão têm optado por empregar *artesanaria*, palavra em espanhol que não consta dos dicionários de português. O livro *The Craftsman*, do filósofo norte-americano Richard Sennet, foi traduzido como *O artífice* na edição brasileira. Seguramente as vendas seriam menores se fosse *O artesão*... Gostaríamos que a exposição pudesse contribuir para dissolver esses conceitos pré-concebidos e, assim, colaborasse para uma apreciação real dos trabalhos expostos, questionando as divisões rígidas entre Arte (com “a” maiúsculo) e artesanato. Observar demoradamente os objetos permite perceber a complexidade de várias construções formais e a densidade expressiva de várias autoras.

A exposição chega agora ao **Sesc Guarulhos** enriquecida com três novas participações, revelando que, no entorno da unidade da instituição, também há iniciativas dignas de conhecimento e reconhecimento. Estamos em coerência, assim, com a compreensão ampla do título **EntreMeadas**: ele se refere tanto ao fato de trazermos à luz um patrimônio precioso de nossa cultura que estava enredado, sem a visibilidade que merece, quanto ao universo dos materiais presentes na mostra. Quando falamos de entrelaçar fios, do fazer têxtil, falamos também do tecido social em que vivemos. E, acima de tudo, da capacidade de, juntas e misturadas, mulheres de diferentes gerações, procedências e classes sociais reinventarem poeticamente o mundo em que vivemos.

Adélia Borges
Curadora



PARTICIPANTES



ABAYOMI ONÃ | GUARULHOS |

As Abayomis foram concebidas como um mecanismo de construção e reconstrução das memórias e da autoestima das populações negras. A definição é da maranhense Lena Martins, que desenvolveu e batizou as bonecas de pano nos anos 1980, no contexto de sua militância no movimento negro no Rio de Janeiro. De lá para cá, as oficinas de confecção das bonecas se disseminaram pelo Brasil e chegaram a outros países da diáspora africana.

Em Guarulhos tem destaque o Abayomi Onã, criado pela jovem Elizabeth Regina. Ela tem um perfil artístico multidisciplinar: atua como atriz na Cia. Los Xerebas; integra a Cia. Bueiro Aberto, de cinema; ajudou no processo de construção do projeto Cinepreto, de exibição de filmes e promoção de debates em favelas; e é cantora no grupo musical Raízes de Baobá. Nas oficinas de Abayomi que realiza em vários locais de Guarulhos, ela ensina a técnica e também busca ampliar a reflexão sobre as identidades negras.

Feitas sem cola e sem costura, utilizando restos de tecidos, as Abayomis são representantes legítimas da “estética da precariedade” – ou seja, a capacidade de fazer muito com pouco, e de improvisar – tão tradicionalmente arraigada na população brasileira. O corpo é feito com tecidos maleáveis na cor preta, que tenham um pouco de elastano para facilitar as amarrações. A veste utiliza pequenos pedaços de tecidos variados. Eventualmente podem ser agregados paetês, contas ou rendas nos acabamentos. Os rostos propositalmente não têm olhos, boca ou nariz, pois seria impossível retratar a diversidade das feições das várias etnias de escravizados que vieram para o Brasil. Os tamanhos vão de 4 cm, utilizado para a elaboração de brincos, até 20 cm. Uma série temática representa os orixás Exu, Iemanjá, Ogum, Oxóssi, Obaluayê, Oyá, Oxumaré e Ogum. No caso de Obaluayê, o material usado é a palha.

Abayomis, bonecas de pano com as representações dos orixás Oxóssi, Obaluayê, Iemanjá, Oyá, Oxumaré, Exu e Ogum (alturas de 12 a 20 cm).





ACTC - CASA DO CORAÇÃO | SÃO PAULO |

Enquanto acompanham o tratamento de seus filhos com doenças cardíacas, mães interagem entre si e compartilham a esperança de cura bordando almofadas, panos de prato, jogos americanos, bolsas e colchas na Casa do Coração, no bairro de Pinheiros, em São Paulo. A iniciativa é da Associação de Assistência à Criança e ao Adolescente Cardíacos e aos Transplantados do Coração (ACTC), organização da sociedade civil sem fins lucrativos.

Em seus 27 quartos, a Casa abriga crianças antes e depois dos transplantes, acompanhadas de suas mães ou responsáveis. Entre os programas ali desenvolvidos, existe, desde 2003, o Maria Maria, que compreende o bordado e sua comercialização. O número de participantes varia de ano a ano; em 2018, foram 96 mães ou acompanhantes. As rodas de bordado são também rodas de conversa, em que as mulheres

trocam aptidões, saberes e sentimentos, num processo de ajuda mútua. Muitas chegam assustadas, sem saber como lidar com os tratamentos e com os preconceitos a respeito da síndrome de Down, que é frequentemente associada a cardiopatias.

No livro *Bordar a vida - Histórias dos trabalhos das mulheres da ACTC* (ACTC, 2016), a coordenadora do projeto, Cristina Macedo Tomaz, escreve: “Enquanto esperam, puxando pelo fio da vida, levam para os tecidos o desejo da cura, os sonhos de um mundo farto de cores e belezas. Por isso, ao bordar, entram num tempo de Kairós, um instante único, pois é preciso escolher as cores, os pontos, a composição. O que, além de exigir contato consigo mesmas, deixa fluir a criatividade. Os fios e os bordados são um recurso para sustentarem suas emoções, se conhecendo melhor, a cada dia, a cada bordado”.

| Panos para elaboração de almofada. Bordado sobre linho, autoria de Ervelinda Gumz Klug (43,5 x 44,5 cm). Nas páginas seguintes, | tiras para inserção em pano de prato. Bordado sobre algodão, autoria de Rosenilda Rolim Lemos de Oliveira (cerca de 47 x 12 cm).

ARTE E VIDA

| GUAPIARA |

Arte e Vida é o nome fantasia da Associação de Mulheres Artesãs de Guapiara, município da região do Alto Paranapanema. O trabalho das associadas começa no cultivo de espécies nativas de milhos em pequenas propriedades rurais familiares. A variedade dos beges, marrons e roxos naturais das palhas é explorada na confecção de uma série de objetos.

Criado em 2012, o grupo tem 16 associadas. Filhas e sobrinhas das participantes somam-se ao projeto para várias atividades. Em 2017, a associação foi uma das três finalistas na categoria agroecologia no Prêmio da Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social, que reconhece tecnologias inovadoras de impacto social desenvolvidas no país. Em 2019, técnicos da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) atestaram que as espécies com as quais elas trabalham não têm contaminação de transgênicos.

Alice de Oliveira coordena a equipe, que se valeu de processos de capacitação feitos pelo Instituto Socioambiental (ISA) e pela Secretaria do Meio Ambiente junto a comunidades do Vale do Ribeira, onde foram criadas rotas de milho crioulo. Embora estejam mais perto de Sorocaba (a 166 quilômetros de distância), os habitantes de Guapiara se relacionam muito com Registro, a “capital” do Vale, a 224 quilômetros. Integrantes do Arte e Vida já ministraram oficinas de trançado no Sesc Registro.

A palha de milho normalmente era descartada, e hoje a venda de cestas, jogos americanos, mandalas, suportes de painéis, bolsas, flores e bonecas feitos com o material gera renda para as famílias no município. Outra matéria-prima trabalhada é a taboa.

Esteiras trançadas com palhas de milho em cores naturais (medidas variáveis: 40 x 40 cm [menor] | 70 x 70 cm).





ARTE ROSES | BERTIOGA |

Desde 2018, o Sesc Bertioga vem realizando regularmente laboratórios de criação artesanal voltados para processos criativos. As oficinas têm atraído artesãos de vários segmentos, que fazem bijuterias, objetos de madeira, acessórios de moda e vestuário em várias técnicas têxteis, bolsas, objetos de papel, entre outros. Há um estímulo à adoção de temáticas que traduzam nos objetos, de forma plural, as identidades locais. Nesse diapasão, um dos conteúdos que surgiu se relaciona ao ambiente da Mata Atlântica, ecossistema onde a unidade está instalada.

As irmãs Rosângela (1968) e Rosemeire Camilo de Sousa (1967), ambas nascidas em Jacarepaguá (RJ) e radicadas em Bertioga desde 1993, toma-

ram o mote e transformaram pássaros (como o tiê-sangue, o saí-azul e o tucano) e plantas (como a helicônia, a figueira e o manacá-da-serra) em bordados com bastante personalidade, cores fortes e acento mexicano. Elas extraem as referências sobre as espécies de pássaros do livro *Aves do Sesc Bertioga* (Edições Sesc SP, 2004).

Rosângela ainda tem que fazer algumas diárias como faxineira para garantir um rendimento mensal, mas tem confiança na expansão de seu trabalho criativo e na sua profissionalização como artesã. A realização de um bazar semanal na sede da unidade ajuda a congrega os artesãos e impulsionar suas vendas. Uma medição verificou que o rendimento deles dobrou desde o início do projeto.

| Bordado sobre brim, linha de algodão (medidas variadas: de 20 x 20 cm a 30 x 30 cm).

ARTESÃS DA LINHA NOVE | SÃO PAULO |

As Artesãs da Linha Nove integram um dos núcleos do Instituto Acaia, fundado em 2001 pela artista plástica Elisa Bracher como organização social privada e sem fins lucrativos. A origem se dá em 1977, quando ela convida crianças moradoras da favela da Linha e da favela do Nove, duas das maiores favelas de São Paulo, na Vila Leopoldina, a frequentarem seu ateliê para aprenderem marcenaria. O que começou como uma reunião noturna de bordados com as mães das crianças que frequentavam o Instituto, se tornou um grupo em 2006. A partir daí, elas passaram a produzir regularmente para lojas e designers e a participar de bazares e ganharam uma sede própria - a “Casa Amarela”, na Vila Leopoldina, nas proximidades do Ceagesp.

O bordado é a técnica principal das cerca de 40 mulheres que participam regularmente das atividades do Artesãs da Linha Nove. Sobre algodão ou linho, são feitos toalhas, jogos americanos, almofadas, guardanapos, roupas e acessórios. Entre os temas, há séries de pássaros, árvores e cenas agrícolas, com desenhos das próprias artesãs, inspirados por sua vivência, ou de designers parceiros em projetos especiais. Panos com um mini-inventário de pontos de bordados e singelas representações de textos de autores como Manuel Bandeira estão entre os *best-sellers* do grupo.

A peça escolhida para a itinerância de EntreMeadas em Guarulhos é um painel com a representação da favela, em desenho de Ismael Monteiro, participante do Acaia. Entre as oficinas mantidas pelo Instituto estão as de estamparia e xilogravura. Além da produção com autoria própria, também atendem a encomendas de empresas ou designers para projetos específicos.

| Painel *Favela*, bordado com linhas de algodão sobre sarja (190 x 140 cm).





BANARTE | MIRACATU |

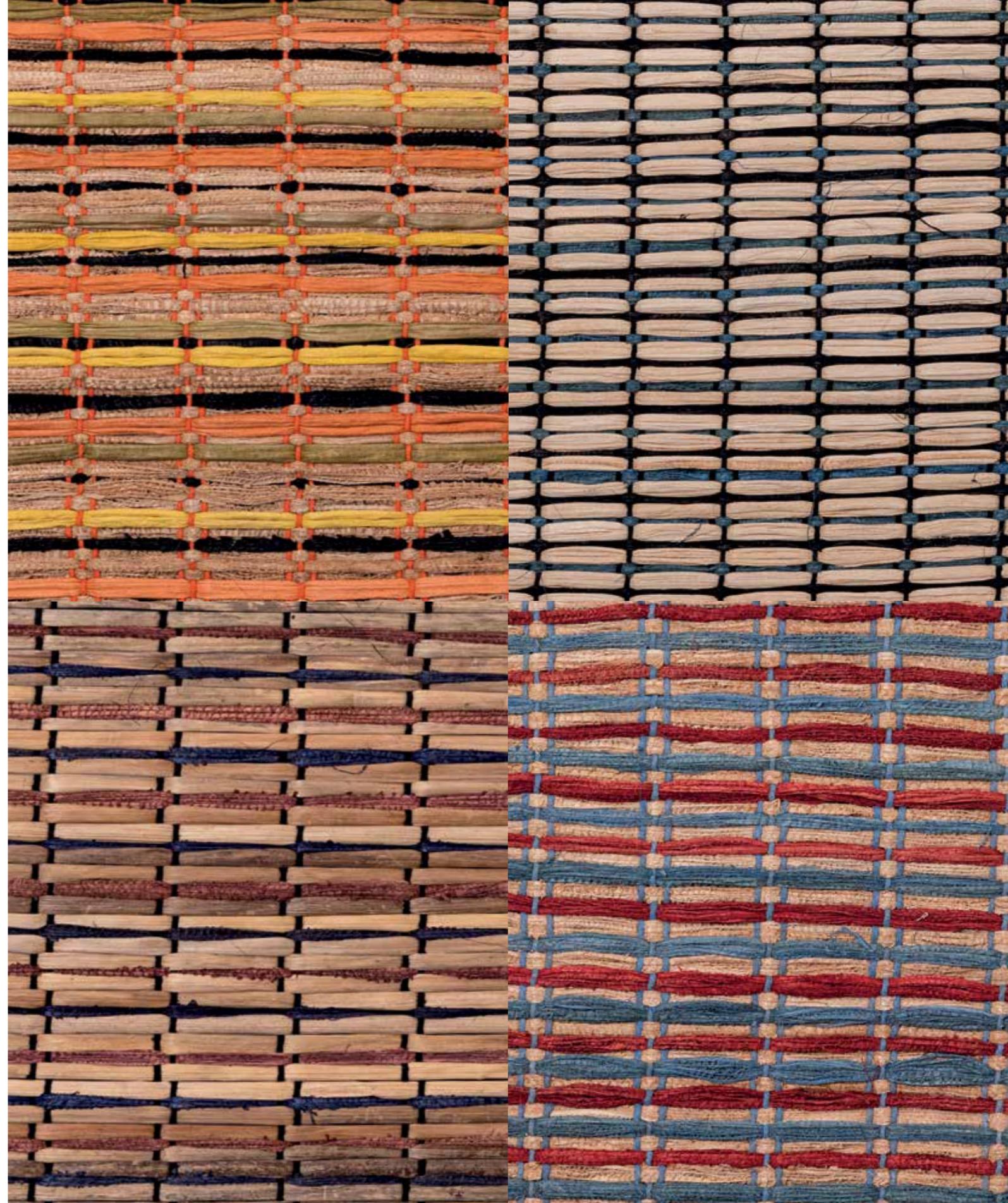
A Banarte é voltada exclusivamente para a transformação da fibra de bananeira em dezenas de objetos artesanais, tanto bidimensionais (como jogos americanos, descansos de panela e tapetes) quanto tridimensionais (como bolsas e luminárias). A Associação ocupa, desde 2000, um galpão de cerca de 500 m² situado no centro de Miracatu, conjugando oficina e loja. Das 20 associadas, no momento sete artesãs frequentam diariamente a sede. Eva José dos Santos, de Feira de Santana (BA), é a mais antiga no agrupamento, e a paulistana Leia Alves coordena as atividades.

Ali é possível acompanhar o processo de transformação da matéria-prima. O talo da bananeira permite extrair cerca de sete camadas, em cortes longitudinais, feitos com uma faca. A primeira parte extraída é o filezinho, utilizado em acabamentos e alças para bolsas. A segunda é a buchinha, fibra mais macia. A terceira é a branquinha, a mais usada na elaboração de peças, a qual, em

algumas bananeiras, apresenta a coloração roxa, recebendo, então, o nome de roxinho. A quarta tira é a rendinha – um tipo de gaze natural, de textura leve e porosa, que parece uma renda. A última parte é a casquinha, mais dura, usada em jogos americanos e tapetes.

Depois de cortadas, as fibras são lavadas e deixadas em varais para secagem. Algumas são usadas em suas cores naturais, outras recebem tingimento com corantes industriais ou, mais recentemente, com o uso de açafraão, cenoura, andiroba, pó de café e folha ou caroço de abacate. Em seguida, são tecidas no tear de pente ou trançadas à mão para a elaboração de algumas alças de bolsas e cintos. O processo pode ser acompanhado na própria sede, onde as artesãs trabalham em dez teares. Possuem ainda mais três teares pequenos, os quais usam para ministrar cursos. As variações nas composições com diferentes partes das fibras e diferentes cores são infinitas.

Acima, tiras de branquinha, parte do talo da bananeira. Ao lado, painéis elaborados no tear com mistura de casquinha, branquinha, roxinho e rendinha; amarração de fio de algodão. Cores naturais das fibras ou com tingimento (180 x 60 cm).





BORDADEIRAS DO JARDIM CONCEIÇÃO | OSASCO |

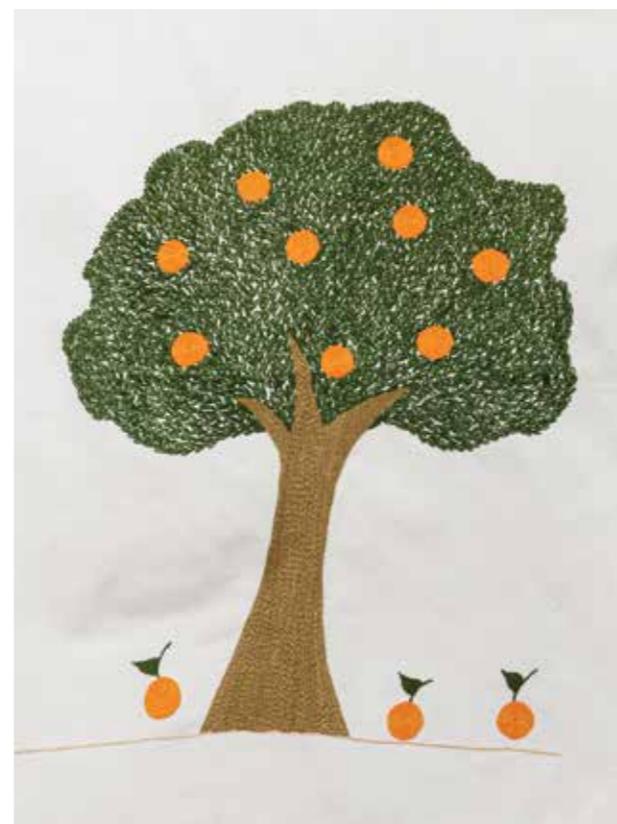
O Jardim Conceição nasceu de uma ocupação urbana organizada, na década de 1980, pelo Movimento Terra e Moradia em Osasco, na Grande São Paulo. A abertura da Escola de Educação Básica Fundação Bradesco no bairro, em 2004, propiciou o encontro de mulheres em cursos extracurriculares para adultos e a atividade do bordado surgiu como uma opção de geração de renda. O grupo Bordadeiras do Jardim Conceição começou a se formar em 2008 e foi transformado em associação em 2013.

Em 2011, os designers Renato Imbroisi e Cristiana Pereira Barretto deram uma capacitação de um ano, em que ajudaram as artesãs a aprender a dominar todo o processo – dos traços dos desenhos, que passaram a ser baseados em referências delas próprias, até as técnicas do bordado, costura, acabamento, definição de tipologias de produtos que tenham demanda de mercado e apresentação das

peças de forma adequada para comercialização (o modo de dobrar, embalar etc.). Estimularam, sobretudo, sua criatividade e livre expressão. Várias coleções foram desenvolvidas desde então, como Jardins da Conceição, Natureza, Utensílios e Fachadas. Um carro-chefe das vendas é a Cartilha do Bordado, mostruário de pontos com os quais trabalham – areia, caseado, margarida, nó francês, reto, rococó e sombra são alguns deles. As tipologias de produtos incluem almofadas, colchas, jogos americanos, toalhas de mesa, aventais, bolsas, sacolas, panos de prato e guardanapos.

As artesãs do Jardim Conceição se tornaram mestras do bordado. A mineira Rozeli Cândida da Silva conta que elas são chamadas para cursos em várias instituições em São Paulo e participam de projetos de revitalização do artesanato em outras regiões. Há 23 associadas ativas no momento.

Detalhes de tecidos para colchas e almofadas. Bordado sobre percal 400 fios e linha de algodão. Acervo Museu A Casa. (Medidas variadas: de 83 x 62 cm a 46 x 47 cm).





CLEIDE TOLEDO

| SÃO PAULO |

O senso comum associa o uso de fibras vegetais ao artesanato praticado em distantes áreas rurais. A artesã Cleide Toledo, contudo, extrai a matéria-prima de seu trabalho de áreas próximas à sua casa na Zona Leste paulistana. Atualmente, os brejos nos entornos do Presídio de Guarulhos e da Rodovia dos Trabalhadores são a fonte para a extração da fibra de taboa (*Typha domingensis*) com que faz uma infinidade de peças.

Seu mestre foi o marido Manoel Baptista Neto. Cleide atuava na área de saúde quando passou a acompanhá-lo na poda e limpeza da palha da taboa. Aprendeu que a secagem correta é essencial para a durabilidade do material e sua resistência a fungos e que o manejo ecologicamente correto permite um uso prolongado da área de extração, sempre sob licença do Ibama e/ou de órgãos reguladores locais. Ao ficar viúva, em 2006, resolveu prosseguir o ofício para sustentar sozinha os dois

filhos e deu asas à sua criatividade no trançado da palha, conformando cestos, vasos, cachepôs, bolsas, móveis ou peças decorativas. A técnica é repassada em cursos frequentes realizados em várias instituições.

Além da prática do ofício, a artesã se destaca por seu ativismo em prol do reconhecimento do artesanato no país. Em 2018, liderou a criação da União dos Artesãos Profissionais do Estado de São Paulo; durante vários anos integrou o Conselho da Sutaco, do governo paulista; e colabora com a curadoria de obras para exposições e espetáculos, a exemplo do programa “Sr. Brasil”, que tem Rolando Boldrin à frente na celebração da cultura tradicional brasileira. Peças de sua autoria integram o acervo do Museu da Palha de Florença, na Itália. Cleide foi uma das cinco finalistas do Prêmio Governo do Estado para as Artes 2020/2021 na categoria Cultura Popular e Tradicional.

| Cestaria de taboa com costuras em fio de sisal (vaso de 90 cm de altura e diâmetro de 20 a 40 cm e cesta de 50 x 17 cm).



COLETIVO BORDAEMIA | SÃO PAULO |

O coletivo BordaEmia reuniu um grupo de mães – e também pais, avós, professores, crianças, funcionários e comunidade – da Escola Municipal de Iniciação Artística (Emia), numa atividade que se desdobrou ao longo dos anos de 2016 e 2017. A Escola ocupa três casas dentro de um parque no bairro do Jabaquara, em São Paulo. Desde 1981, oferece cursos gratuitos e regulares nas áreas de artes visuais, música, dança e teatro, para crianças que ingressam com idade entre cinco e sete anos por meio de sorteio público e ali permanecem por seis a oito anos. São cerca de 1.000 alunos, com aulas uma vez por semana.

A Oficina de Bordado Livre foi idealizada e realizada pela artista têxtil Joana Salles, professora de artes visuais da Escola. “Entendi a potência transformadora de bordar junto, de compartilhar histórias, vidas e pontos. O bordado nos centra, nos acalma, nos conec-

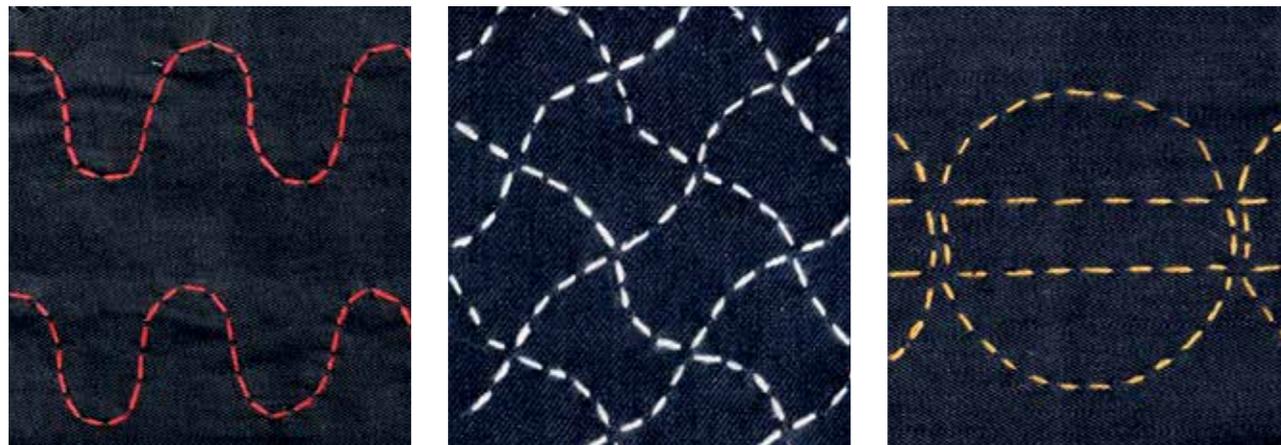
ta, nos emociona e nos suspende. Unir mãos e corpos a um único tecido e criar juntas nos faz tecer laços de afetos que envolvem aprendizado, escuta e trocas”.

O processo de elaboração do painel foi todo coletivo. Envolveu observar com atenção os prédios, as plantas, as atividades e os personagens principais da escola – as crianças. Numa madrugada, uma grande árvore do terreno tombou, justamente quando o grupo estava concluindo suas folhas e raízes, com posição central no painel. Joana, uma ativista do bordado e mestre em várias oficinas, relata: “Sentimos o tecido vivo e as mãos pensantes. Esse acontecimento gerou um novo fluxo. A seringueira virou raiz e seguiu azul no curso do rio da memória. O bordado coletivo nos fez olhar a escola com as mãos. Então, colocamos a mão na terra e plantamos união, acolhimento, autonomia, empatia, respeito, arte e conhecimento”.

| Bordado sobre sarja com linha de algodão e canutilhos (167 x 74 cm).







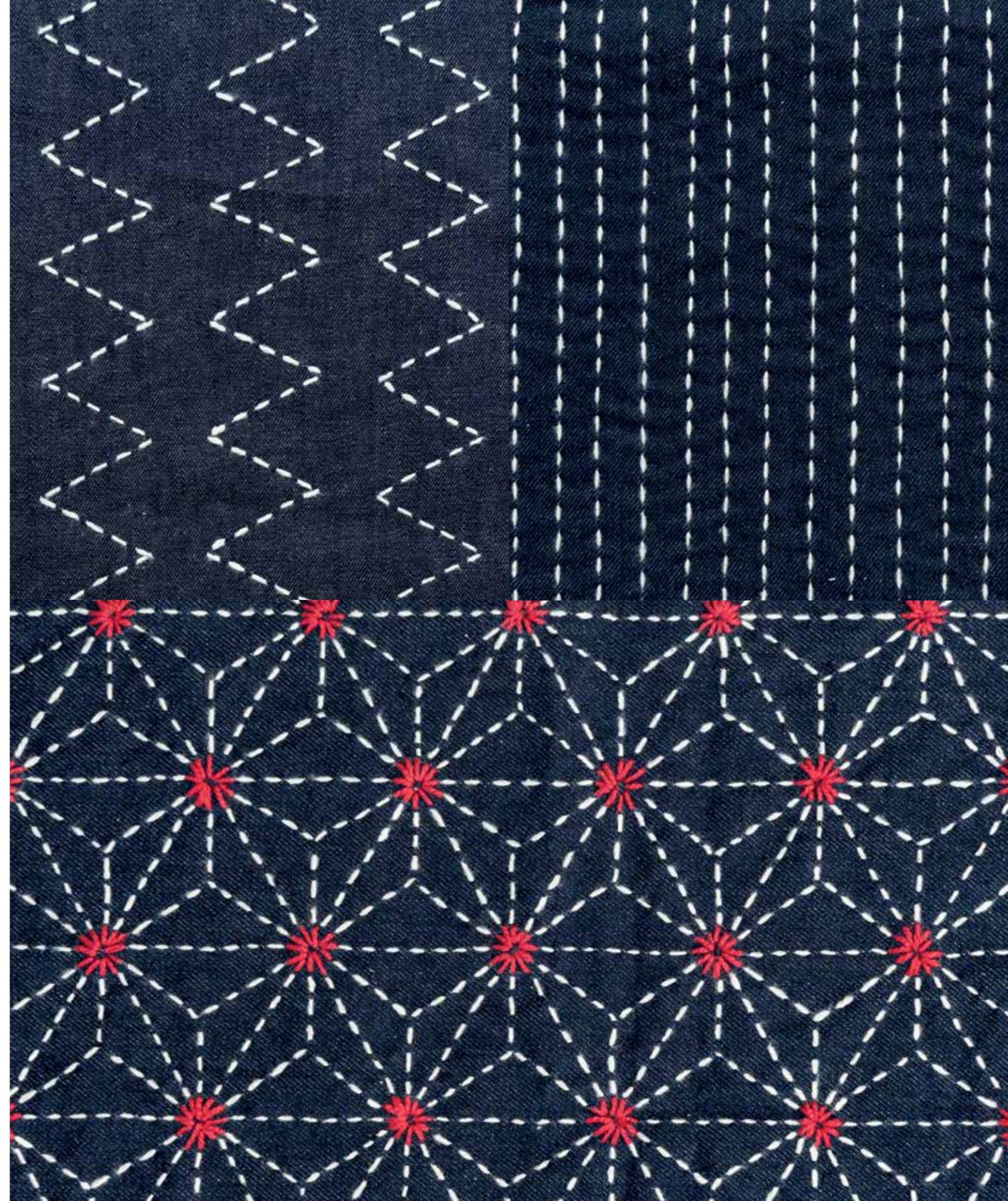
COLETIVO YBYATÃ | SÃO PAULO |

O Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã é um equipamento da Secretaria Municipal da Saúde com a missão de promover o direito ao trabalho, em especial para usuários da rede de atenção psicossocial. É ali que funciona o Coletivo Ybyatã - nome que significa “Butantã”, em tupi-guarani -, com foco em estamparia manual e bordado.

Nove pessoas (oito mulheres e um homem) integram o Ybyatã e se reúnem diariamente, tendo como facilitadora a terapeuta ocupacional Gisela Nigro. Na estamparia, carimbos talhados por eles reproduzem, em geral, frutas e vegetais. O bordado ganhou um repertório renovado com a participação de Noriko Hiramatsu, que frequenta voluntariamente o coletivo uma vez por semana para ensinar o *Sashiko*, técnica que aprendeu no Japão - país onde nasceu (em 1948) e onde viveu de 2003 a 2016. Trata-se de um bordado bem simples, quase um alinhavo, que surgiu na cultura

japonesa como uma forma de remendar as roupas para prolongar seu uso. Os pontos tracejados adotam padrões decorativos que se repetem, tais como círculos, quadrados, triângulos e zigue-zagues. O sistema de funcionamento do Ybyatã é de autogestão coletiva, em que todas as decisões são compartilhadas. O Ponto abriga, todo segundo sábado do mês, a Mostra de Economia Solidária e Feminista, organizada pela Amesol (Associação das Mulheres na Economia Solidária do Estado de São Paulo), com o apoio da SOF (Sempre Viva Organização Feminista). Sob o lema “Por uma sociedade sem manicômio”, estampado em sua página numa rede social, o Ponto abriga também restaurante, livraria, loja de artesanato e mercearia com venda de artigos de pequenos produtores orgânicos. Os participantes se revezam nos vários atendimentos, fortalecendo os laços de convivência. Essas atividades geram renda para cerca de 30 trabalhadores diretamente e outros de forma indireta.

| Detalhes de bordado *Sashiko* sobre jeans, linha de algodão (medidas variadas: de 40 x 40 cm a 100 x 150 cm).







COOPERATIVA LILI | TREMEMBÉ |

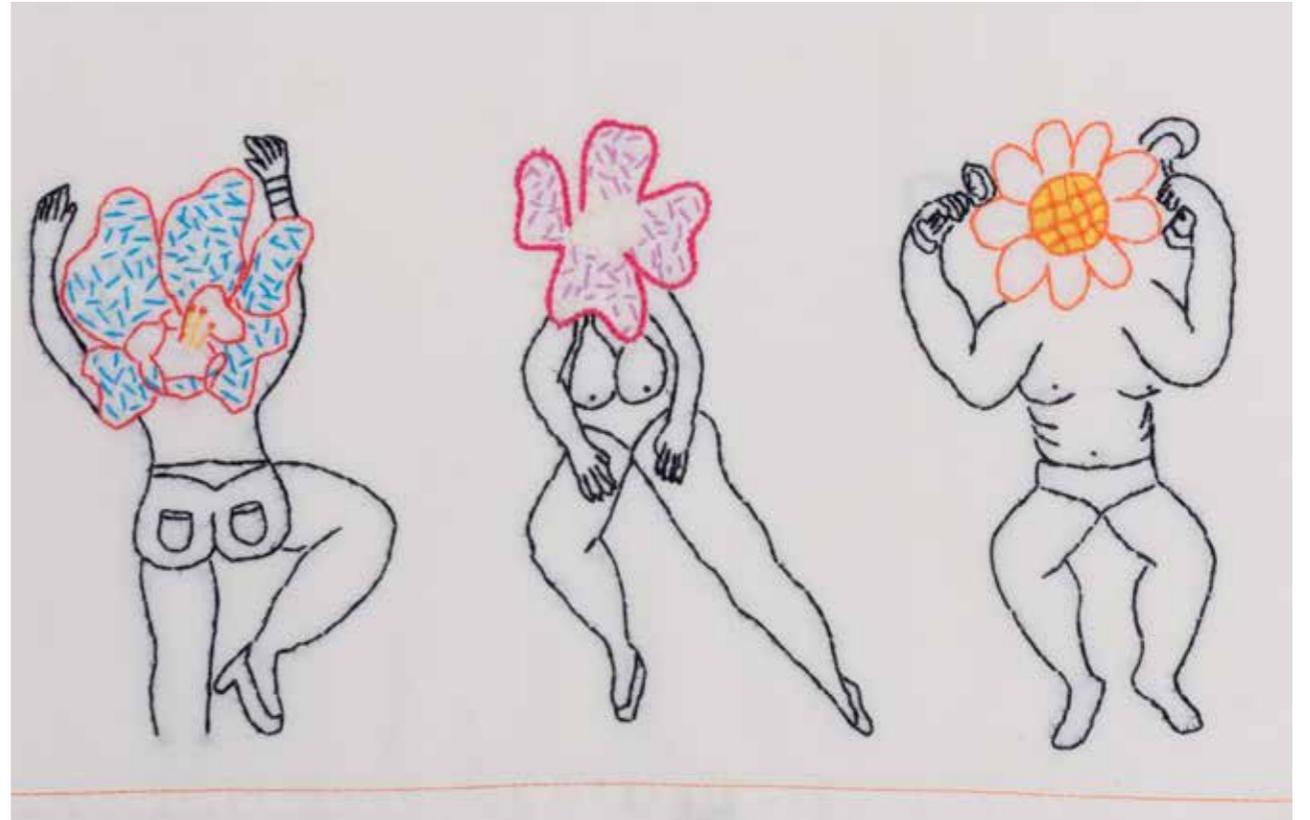
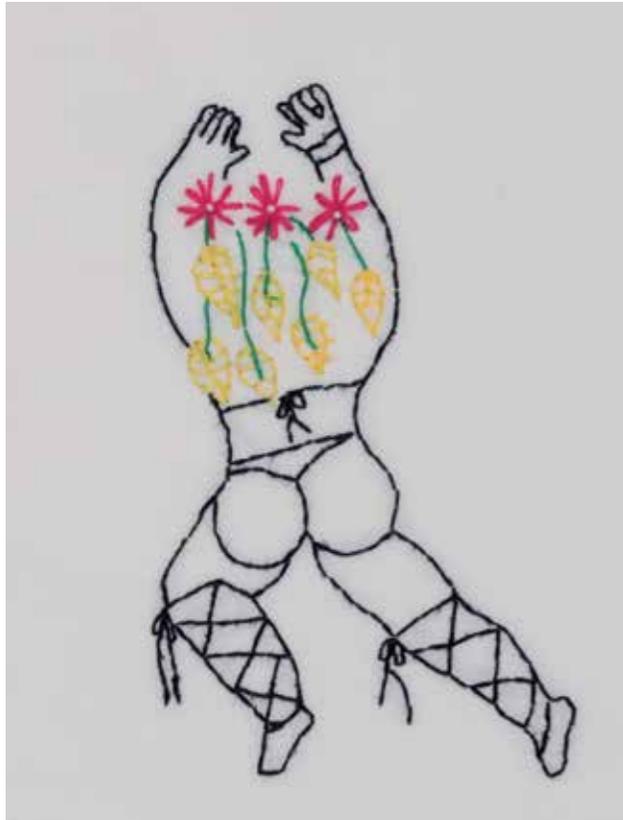
A Cooperativa Lili é integrada por 30 detentas e ex-detentas ex-presidiárias da Penitenciária Feminina II de Tremembé. A iniciativa do Instituto Humanitas360 tem o objetivo de oferecer condições para que elas administrem seu próprio negócio e tenham perspectivas após a saída da prisão. O Instituto promoveu, em 2018, uma série de oficinas com os designers Renato Imbroisi e Cristiana Pereira Barretto para capacitar as mulheres na criação e desenvolvimento de colchas, bolsas e almofadas, entre outros produtos, nas técnicas de costura, bordado e crochê.

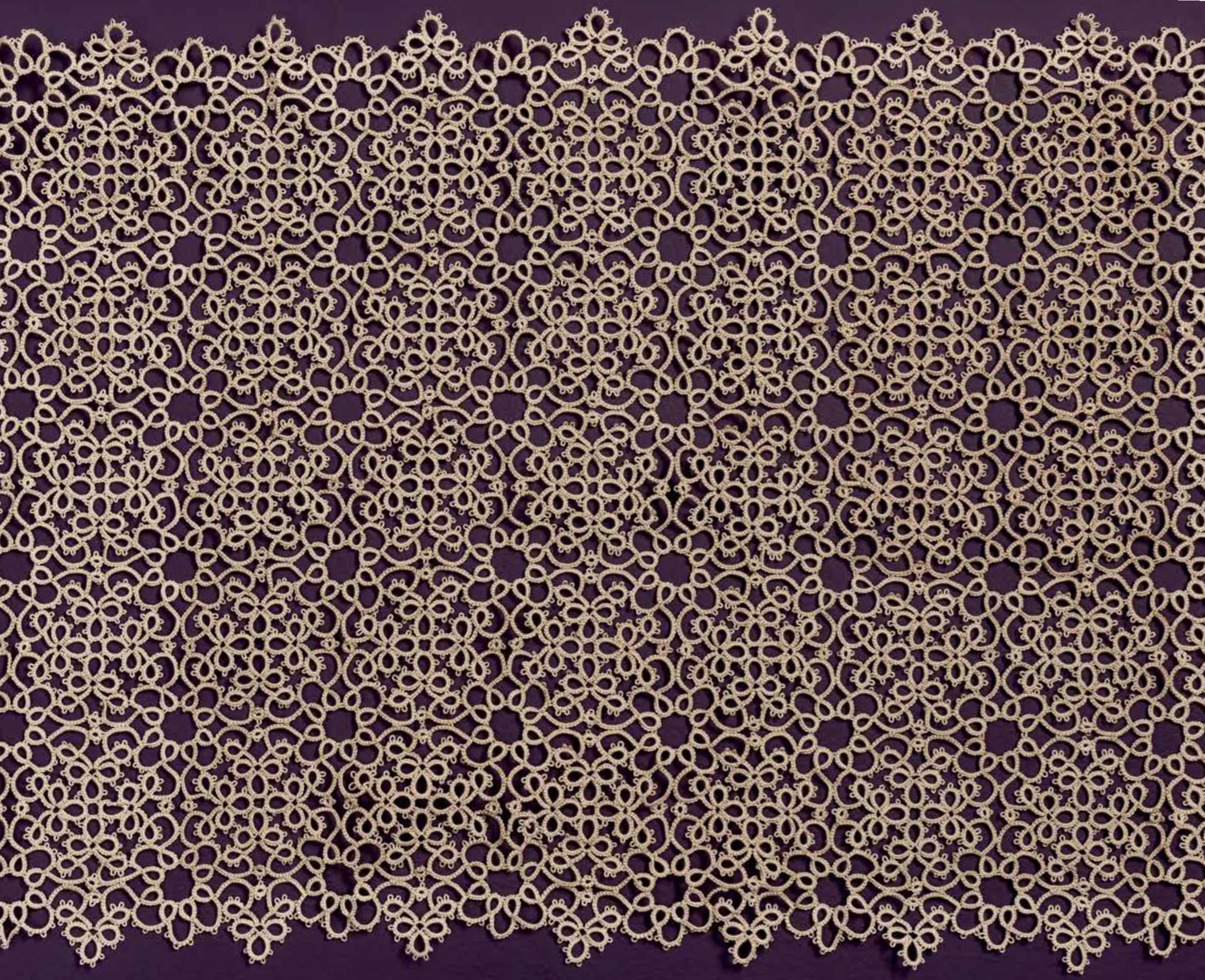
O processo teve a colaboração voluntária das designers Camila Testa Stifelmann e Gisela Allegro Baptista Bilyk, da restauradora Isabel Milani e do

artista plástico e professor de desenho Paulo Von Poser. As participantes foram convidadas a desenhar em conjunto, no mesmo papel, e encorajadas a descobrir suas possibilidades criativas, numa prática que tem o caráter de liberação. A marca Tereza Vale a Pena foi criada para a comercialização dos objetos. Na gíria dos presídios, Tereza é uma corda improvisada, feita com lençóis amarrados, usada em tentativas de fuga. Etiquetas adicionadas aos produtos contam a história de vida de cada artesã. A marca e seus canais de venda são gerenciados pelo Instituto Humanitas360, organização sem fins lucrativos que fornece capital semente, capacitação técnica e apoio ao desenvolvimento do modelo de negócio. A totalidade da renda é transferida para os detentos e ex-detentos cooperados.

| Bordado sobre algodão em colcha de casal (240 x 240 cm).







ELIANA BOJIKIAN POLITO | BAURU |

Eliana Bojikian Polito aprendeu a fazer renda *Frivolité* aos 13 anos com sua mãe, que aprendera com uma freira. Seu vestido de noiva foi inteiramente feito com esse tecido. A técnica usa linha de crochê e pode ser feita com agulha de crochê fina ou com um instrumento próprio, a naveta (também conhecido como navete). Ele guia o fio e facilita a formação da sequência de nós e laços que caracterizam o trabalho, formando círculos e semicírculos. Os pontos incluem picô (do francês *picot*), anéis e arcos. O jogo complementar entre cheios (os pontos) e vazios (as lacunas entre eles) é o que constitui a riqueza estética dessa modalidade de renda, também conhecida como espiguiha, rendilha ou *tatting*, em inglês.

Navegar na internet foi a principal fonte de aprendizagem de Eliana. Ali, constatou a amplitude do repertório formal dessa renda, a qual comporta uma infinidade de desenhos e configurações, além da possibilidade de sempre inovar. É também na internet que ela vende seus produtos - caminhos de mesa, toalhas de bandeja, golas de roupas e peças de vestuário, entre outros. Eliana também dá aulas sobre a técnica.

A *Frivolité* exige grande delicadeza e boa dose de paciência. A peça selecionada para EntreMeadas foi feita durante dois meses por Eliana. Ela utilizou duas navetas, o que demanda maior habilidade. Há controvérsias quanto à origem precisa da técnica e de seu nome, que alguns atribuem a comentários frívolos que as mulheres supostamente fazem enquanto estão entre si. Em obras de arte europeias do século XIX, há cenas de mulheres da elite europeia segurando navetas.

| Detalhe de caminho de mesa, linha de algodão (120 x 33,5 cm).



LUCINDA BENTO

| AMÉRICO BRASILIENSE |

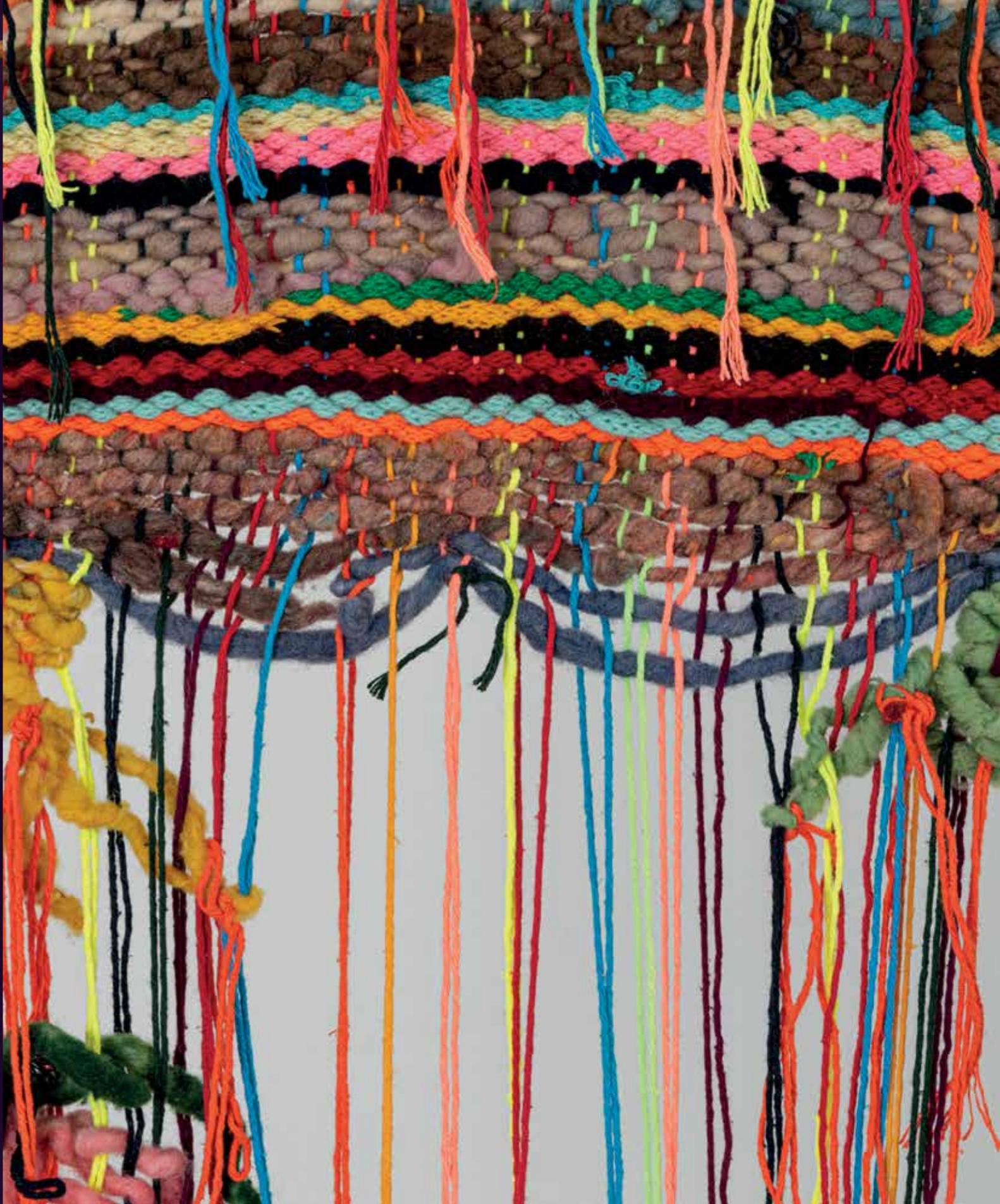
No cartão de visitas, ela se apresentava como “Lucinda artesã”. O rótulo não é o bastante para dar conta desta criadora que manejava lãs e fibras com maestria e enorme liberdade criativa. Nascida em São Gonçalo do Sapucaí (MG), em 1941, Lucinda começou a trabalhar como babá aos 9 anos de idade, e foi empregada doméstica durante algumas décadas - primeiro em São Paulo e, a partir de 1984, em Américo Brasiliense, no sítio de seus padrões. Além das atividades domésticas, passou a cuidar da criação de ovelhas, encarregando-se da tosquia, do corte, da lavagem, da carda, do tingimento, da fiação e também de tecer a lã.

Ao longo do tempo, foi ampliando as matérias-primas para incluir barbantes, algodão, palha de seda, fibra de bananeira, palha da costa, juta, taboa e outras fibras vegetais. Desprendeu-se aos poucos

da geometria mais rígida da técnica do Kilim, inicialmente adotada na confecção de tapetes, para fazer composições mais livres no tear. Passou a dar vazão também ao gosto de criar cores, numa gama vibrante e ampla.

A veia de professora se revelou na Oficina de Tecelagem Sinhá Prado, na qual ensinou a técnica de tecelagem para mais de 100 alunos. Foi uma ativista do artesanato e das artes, tendo criado, em 2005, a União dos Artistas e Artesãos de Américo Brasiliense, da qual se tornou presidente. Sua casa mantém várias obras de artistas e artesãos da região e seus tapetes de lã adornam a igreja na liturgia de Corpus Christi. Tantas atividades lhe valeram o título de cidadã honorária do município. Inquietude, inventividade, curiosidade e disposição para experimentar marcaram sua obra. Lucinda faleceu em 2019.

| Tapeçaria em macramê, lã tingida, sisal e barbante (116 x 82 cm). Na próxima página, *Delírio*, à esquerda, e *Loucura*, à direita, ambos de lã tingida e barbante (133 x 42 cm).



MULHERES ARTESÃS DA ENSEADA DA BALEIA

| CANANEIA |

A Enseada da Baleia reúne uma comunidade tradicional caiçara na Ilha do Cardoso, no município de Cananeia, no litoral sul do estado. A ilha foi transformada em parque estadual em 1962, e a sobrevivência de seus moradores sempre teve seu esteio na pesca artesanal. A partir dos anos 2000, houve um declínio da atividade pesqueira. Os habitantes passaram, então, a procurar alternativas de geração de renda que combinassem a manutenção do modo de vida tradicional, sem necessidade de os jovens migrarem para centros urbanos, como já começava a ocorrer, ao lado da intenção de não agredir a rica biodiversidade de seu ambiente.

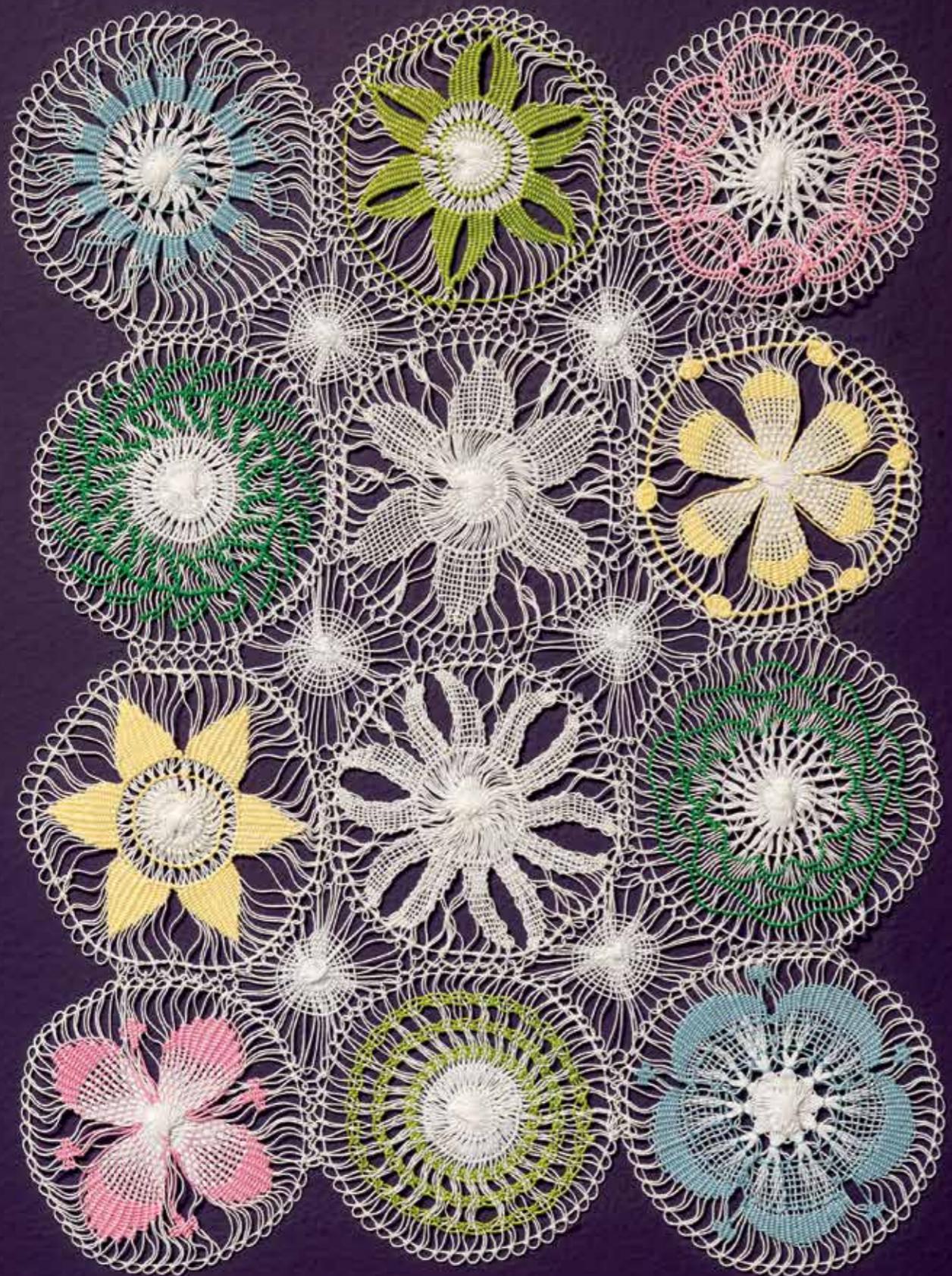
Dessa inquietação, nasceu, em 2010, o grupo Mulheres Artesãs da Enseada da Baleia. Começaram elaborando sacolas e roupas com tecidos industriais, até que viram no lixo trazido à praia pela maré – as redes de pesca descartadas pelos muitos barcos pesqueiros que circulam em águas próximas ou distantes – a matéria-prima para o seu trabalho.

Os vários tipos de redes, tanto de fios de algodão quanto sintéticos ou mistos, passam por repetidas lavagens até que não reste qualquer resquício de sujeira. Pedacos íntegros são recortados à mão e outros são desfiados, formando rolos de fios. A partir daí, usam o crochê e/ou a costura para elaborar pulseiras, colares, bolsas, roupas ou detalhes de roupas, como golas e punhos. Alguns objetos ganham ainda detalhes bordados, e eventualmente usam também o tricô. O material pode ser usado em sua cor original, o azul-marinho, ou receber tingimento, até agora restrito a corantes industriais.

O grupo é constituído por nove integrantes e funciona no sistema da autogestão coletiva. Tatiana Mendonça Cardoso é uma das líderes. Elas desenvolvem também turismo de base comunitária e, desde 2015, beneficiamento dos peixes por meio de secagem ao sol ou defumação, para comercialização.

| Rolo de redes de pesca de camarão que serão transformados em colares, cor natural (fio: espessura de 1 cm de diâmetro)





NHANDUTI DE ATIBAIA | ATIBAIA |

Elizabeth Horta Correa lidera essa iniciativa que se dedica, desde 2005, a pesquisar, registrar e disseminar o conhecimento sobre a renda Nhanduti, também conhecida como Tenerife ou Sol, devido a seu formato circular. Formada pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), Elizabeth foi reconhecida em 2017 como Mestra Rendeira pelo Prêmio Culturas Populares do Ministério da Cultura.

Nessa renda modular, cada módulo tem o diâmetro máximo de 8,5 cm. O centro de mesa *Quem conta um conto aumenta um ponto*, de 2010, exhibe diferentes padrões, recuperados a partir de pesquisas em livros de estudiosos, manuais da técnica e entrevistas com praticantes. Os motivos vão desde os extraídos da flora e fauna na tradição

guarani até formas abstratas e geométricas. O Nhanduti de Atibaia está mais interessado na salvaguarda e difusão da técnica, por meio de aulas abertas, demonstrações práticas e participação ativa nas mídias sociais, do que na comercialização. Para valorizar a sofisticação do trabalho, tem desenvolvido peças pequenas, tais como brincos e colares. Além de usar a linha fina de algodão, a mais tradicional, tem trabalhado também com cordão encerado.

A renda Nhanduti teve relevância econômica no Estado de São Paulo nos anos 1950, sendo muito praticada no município de Socorro – que, como Atibaia, fica na região de Campinas. Socorro permanece com forte vocação têxtil, tendo se notabilizado pelo tricô e, agora, pela malharia.

Toalha com linha de algodão (30 x 23 cm). Gargantilha *Mandala* com cordão encerado e argolas de latão – à esquerda (20 x 20 cm). Brinco Sol de linha de algodão e prata lavrada (4 cm). Na próxima página, centro de mesa *Quem conta um conto aumenta um ponto* (44 x 32 cm).





ODETE CORADINI | OLÍMPIA |

O trançado estrela utiliza palha de milho, numa trama em formato de estrela, única no país. Difundida em Olímpia, na região noroeste do estado, a técnica é um dos patrimônios do artesanato paulista. O complexo trabalho de dobraduras, que lembra um origami, estava presente no detalhe de uma indumentária pertencente ao acervo do Museu de História e Folclore Maria Olímpia, e foi reavivado em 2001, quando o Sebrae realizou um projeto de revitalização do artesanato na região.

A designer Fabiola Bergamo viu na tradição um caminho projetual ancorado na identidade local. A artesã Geralda das Neves Singh, conhecida como dona Lalá, conseguiu decupar e reconstruir o trançado, que tinha uma estrela de seis pontas, muito difícil de ser elaborada. Entraram em cena, então, Maria Isabel Gameiro e Odete Coradini, que

desenvolveram a modalidade com quatro pontas. O processo se tornou mais fácil, mas, ainda assim, bem demorado – Odete demorou 15 dias para fazer a esteira apresentada na mostra. A mecanização recente da colheita do milho na região trouxe grande dificuldade para a obtenção da matéria-prima, pois as máquinas trituram a palha. As artesãs estão buscando alternativas de fibras vegetais para continuar o trançado. Olímpia preza a sua história e a memória de sua cultura. A lei federal nº 13.566, de 2017, conferiu ao município o título de Capital Nacional do Folclore. Desde 1964, ali se realiza o Festival do Folclore de Olímpia. A iniciativa partiu de José Sant’Anna, já falecido, professor de uma escola pública local. Ele foi também o criador do museu municipal. Sem a sua ação de salvaguarda, muito provavelmente a requintada técnica do trançado estrela teria se perdido no tempo.

| Detalhe de esteira de palha de milho, trançado estrela (85 x 73 cm). Abaixo, descanso de mesa (15 x 15 cm).





OFICINA DOS ANJOS | SÃO PAULO |

O movimento antimanicomial brasileiro teve um marco importante em 1987, com a criação do Centro de Atenção Psicossocial (CAPs) Itapeva, o primeiro do país. Na ampla casa no bairro paulistano da Bela Vista funciona, desde 1999, a Oficina dos Anjos, dedicada ao fazer manual. Crochê, fuxico, tricô, costura e bordado são algumas das técnicas frequentes. Em 2019, são 15 os participantes regulares, dos quais cinco homens, com coordenação da pedagoga Fátima Ramalho. A venda das peças proporciona uma complementação de rendimentos para alguns, ou é a única fonte de subsistência para outros.

O Instituto Ecotece atua há cinco anos com a Oficina dos Anjos e já fez a intermediação de parcerias com designers como Flávia Aranha, Luiza Perea, Useverse e Fio Atêlie. Em 2018, a parceria se deu com a designer Fernanda Yamamoto. A valorização dos saberes artesanais está presente no DNA dessa marca, com o objetivo não só de enriquecer o resultado final das roupas, mas de pôr em prática a dimensão social do design, com ações que trabalham a questão da sustentabilidade dentro de um sentido amplo.

Na parceria com a Oficina dos Anjos para a coleção inverno 2019, testaram várias técnicas e materiais e, ao final, elegeram o capitonê – processo muito utilizado em mobiliário – para o desenvolvimento de detalhes dos trajes. Uma etiqueta anexada às roupas relata a iniciativa e aponta o nome de quem fez cada peça. A colaboração deu tão certo que se repetiu para a coleção verão 2020. O Ecotece se encarregou da gestão produtiva do projeto e trabalha no momento com outros 12 grupos produtivos em situação de vulnerabilidade social no Estado de São Paulo.

Ao lado, direito e avesso de tecido de teste da elaboração de capitonê (80 x 122 cm). Acima, blusa em seda com detalhe em capitonê, coleção inverno 2019 da marca Fernanda Yamamoto (130 x 72 cm).

PIRADAS NO PONTO

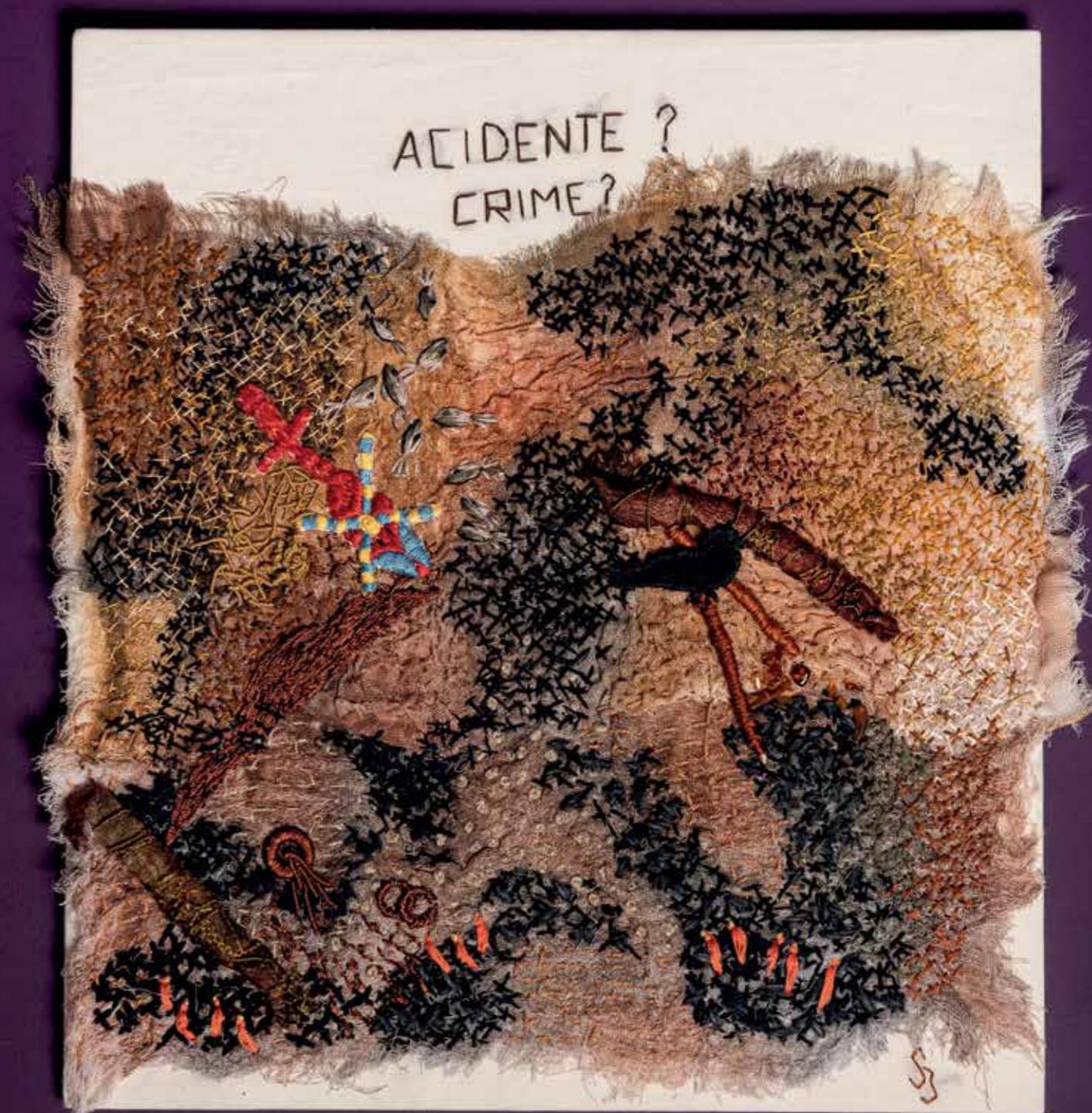
| SÃO PAULO |

Um domingo por mês, desde 2015, mulheres de diferentes profissões e idades, moradoras de diferentes bairros, se reúnem no Parque Trianon, na Avenida Paulista, em São Paulo. O objetivo é uma ocupação poética do espaço público por meio do bordado. Trata-se de um “coletivo semianárquico, sem corpo diretivo”, em que “todas palpitam, fazem ou não fazem, se aproximam, se afastam, vão e voltam”.

As temáticas tratadas nos bordados variam de acordo com o desejo de cada bordadeira. Alguns temas atraem várias participantes, como a série sobre o próprio Trianon, suas plantas e paisagens,

e sobre a fachada do Museu de Arte de São Paulo (MASP), em frente ao parque. A descontração dá a tônica dos encontros. EntreMeadas selecionou trabalhos da advogada Adriana Gragnani, uma frequentadora habitual, e de Sonia Bianco e Marília Martins Coelho, elaborados como forma de manifestação de protesto e indignação em relação a dois desastres ambientais: os rompimentos das barragens de Fundão, em Mariana (que ocasionou 19 mortos e inundou várias casas no distrito de Bento Rodrigues, em 2015) e o de Brumadinho (que resultou em 242 mortos e 28 desaparecidos, em 2019, além de terem impactado gravemente as biodiversidades locais e a qualidade das águas).

Abaixo, bordado em *mix* de linhas sobre linho tingido, com aplicação de canudinho de plástico cortado e canutilhos, autoria de Adriana Gragnani (54 x 22 cm). Ao lado, bordado em *mix* de linhas com aplicação de peças de Murano, base de *voile* de algodão tingido sobre linhão, autoria de Sonia Bianco (45 x 41 cm). Na próxima página, bordado sobre algodão com trama grossa, com fios de algodão e lã, autoria de Marília Martins Coelho (28 x 39 cm).







POVO INDÍGENA GUARANI MBYA | TERRAS INDÍGENAS TENONDÉ PORÃ (SÃO PAULO) E TAKUARI (ELDORADO) |

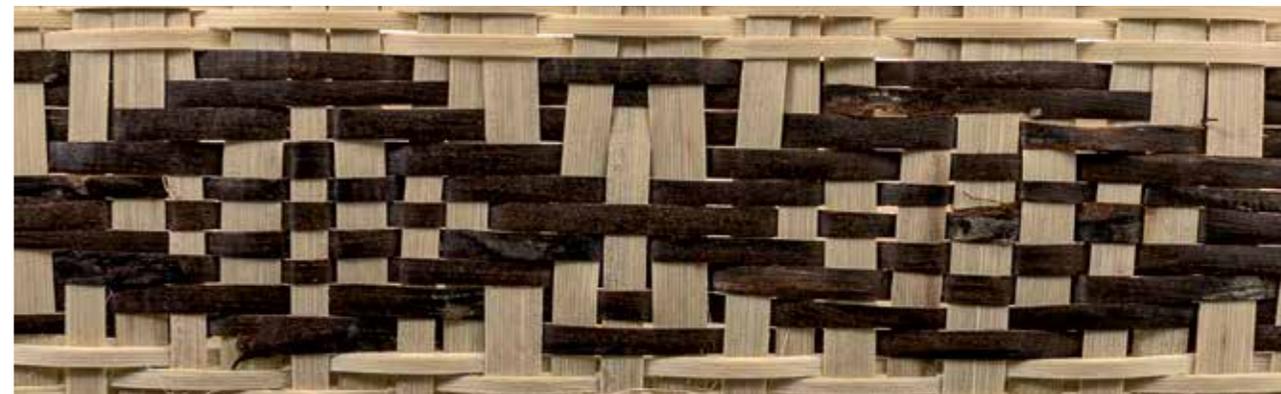
A confecção de cestos ou balaios – os *ajaka*, em língua guarani – é uma tradição do povo Guarani, que habita a região da Mata Atlântica meridional há milênios e hoje se espalha por aldeias desde o Espírito Santo até o Rio Grande do Sul, e também na região noroeste da Argentina e na parte oriental do Paraguai. Selecionamos para EntreMeadas exemplares feitos pelas irmãs Poty Justina (que reside na Terra Indígena Tenondé Porã, no bairro de Parelheiros, em São Paulo) e Ara Florinda (que se mudou para a Terra Indígena Takuari, no município de Eldorado, no mesmo estado).

Na tradição da etnia, o cesto é usado na roça para transportar milho, batata-doce, outros legumes e vegetais, assim como para carregar bebês. A colheita da taquara é, em geral, um trabalho masculino, mas toda a confecção é confiada a mulheres, que utilizam facas para fazer tiras muito finas das fibras e trançá-las, em

grande diversidade de formatos de cestos. Indígenas de algumas aldeias usam anilinas industriais para tingir as palhas. Poty Justina e Ara Florinda empregam apenas matérias-primas naturais – a taquarinha, de cor clara, e o cipó-de-imbé, escuro. Os desenhos geométricos expressam significados simbólicos relacionados à mitologia e à cosmogonia guarani. *Ypará korá*, por exemplo, combina várias formas encontradas na pele de cobras, enquanto *Ypará ixy* simula o movimento de zigue-zague desses animais.

Tiras de cipó-de-imbé ou de imbirá são usadas para a confecção de alças. Uma trama especial é feita nas bordas, tornando-as mais duras e resistentes. Algumas cestas possuem tampas. O vídeo exibido na exposição foi feito em oficina realizada em 2011 na aldeia Tenondé Porã e revela o envolvimento da comunidade na elaboração dos balaios.

| Cestas de taquara e cipó-de-imbé, detalhe em semente de tarumã e miçangas (medidas variadas de 11 x 17 x 10 cm a 31 x 35 x 35 cm).







PROJETO TEAR | GUARULHOS |

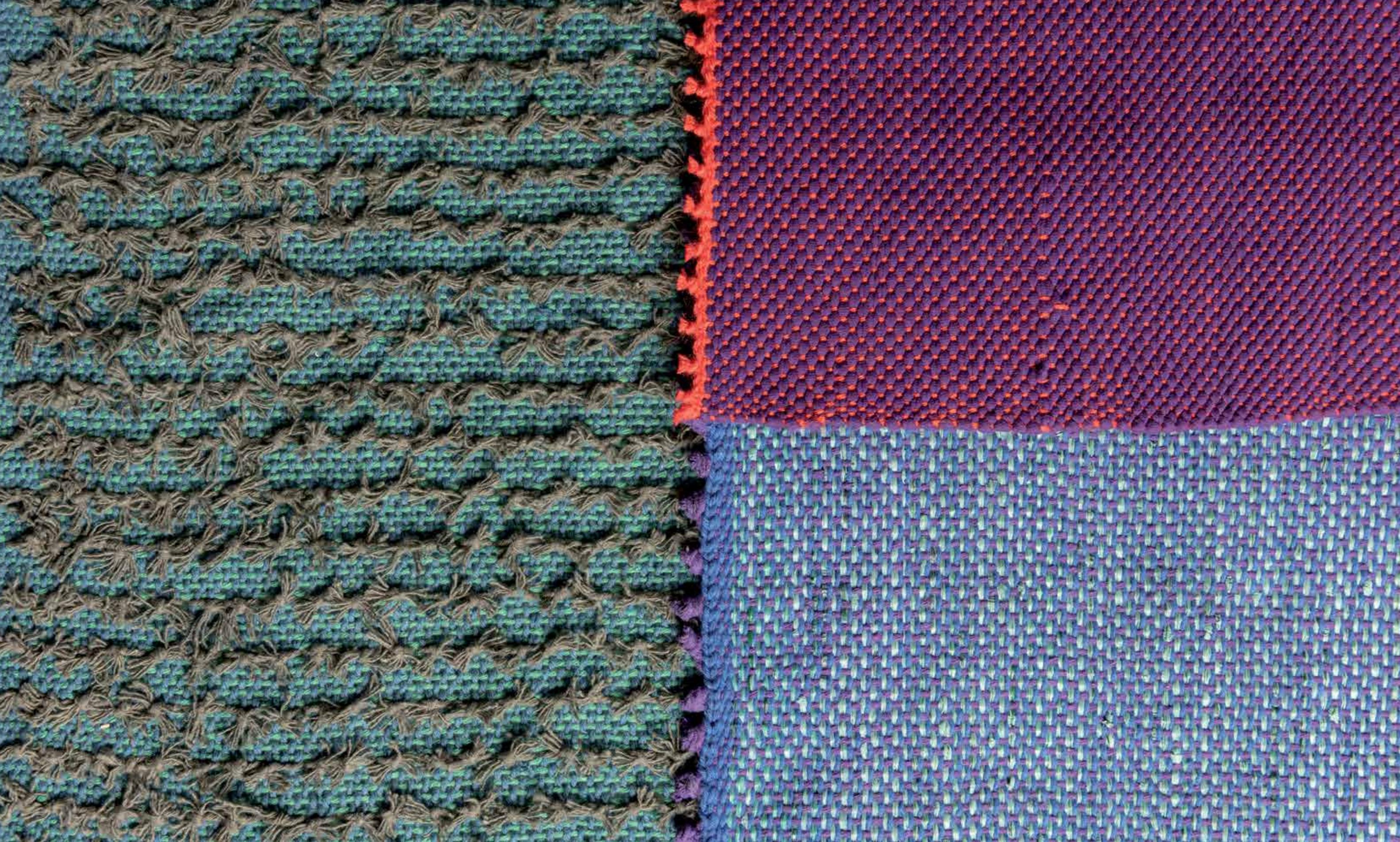
O Projeto Tear é um equipamento público de saúde mental considerado referência nacional na promoção da inclusão social de pessoas em sofrimento psíquico e outras vulnerabilidades sociais por meio da convivência, cultura e trabalho. Oficinas de tear e costura, marcenaria, vitral, serigrafia, mosaico, papel artesanal, encadernação, culinária e jardinagem reúnem as pessoas em atividades que estimulam a criatividade e geram renda. Fundado em 2003, ele integra a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) da Prefeitura de Guarulhos.

Cerca de 130 pessoas são atendidas na sede, no bairro de Gopoúva. Desde 2019, com a realocação a um espaço menor que o anterior, a frequência tem sido, em média, de duas vezes por semana, sempre no período diurno. Cada oficina tem um supervisor de projeto e um oficinheiro. No núcleo têxtil, com 17 participantes, o tear de pente liço é usado para a confecção artesanal de cachecóis, xales, mantas ou detalhes de produtos, com o emprego de fios de algodão e de lã, fitas, tiras de malha e de tecidos

dos variados e ainda sacolas plásticas reutilizadas. Na técnica de costura bolsas, nécessaires e sacolas empregam algodão, lonita e materiais variados recebidos em doação.

As vendas atendem a encomendas de brindes empresariais e também são feitas na loja e nas feiras da Rede de Saúde Mental e Economia Solidária do Estado, movimento social organizado que procura uma nova lógica de desenvolvimento sustentável, mais inclusiva e justa. Outra atividade importante é a condução de oficinas pelos participantes, direcionadas a vários tipos de públicos. A decisão do que fazer com o dinheiro obtido é deles próprios. Num contexto de valorização e acolhimento, há também rodas de conversa, música, cinema e atividades físicas. Por meio dessas múltiplas interações, as pessoas trocam experiências e saberes entre si e adquirem progressivamente maior autonomia. O grupo participou da abertura do Sesc Guarulhos, em 2019, com a ampla instalação Ocupa Tear, que definem como um “um grito de potência e reconhecimento”.

Tecidos elaborados em tear manual de pente liço com fios de algodão, sacolas plásticas e fios de malha (medidas aproximadas de 70 x 70 cm).





QUILOMBOS SAPATU E IVAPORUNDUVA | ELDORADO |

O Sistema Agrícola Tradicional (SAT) das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira foi reconhecido em 2018 como Patrimônio Imaterial Brasileiro e incluído no *Livro dos saberes*, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O reconhecimento atestou a sustentabilidade das práticas agrícolas dos quilombolas: nos últimos 300 anos, eles desenvolveram uma forma de cultivar alimentos em ambiente florestal, a qual inclui a rotatividade dos plantios e várias medidas que conservam os nutrientes do solo.

A diversidade da produção local impressiona. Das roças e da floresta ao redor, os quilombolas extraíram historicamente a matéria-prima para elaborar utensílios destinados a seu uso cotidiano, como cestas, peneiras, tipitis, abanadores e pilões. E é dali que hoje saem tapetes, bolsas, esteiras, jogos

americanos, almofadas e uma grande variedade de objetos feitos com fibra de bananeira, taboa, palha de milho, bambu, madeira, entre outros materiais. Entre Meadas apresenta objetos feitos nos quilombos de Ivaporunduva e Sapatu, ambos no município de Eldorado. São comunidades muito organizadas e articuladas. Laura Furquim Machado, nascida em 1941, de Sapatu, e Cacilda da Silva Marinho, nascida em 1945, de Ivaporunduva, são as decanas no trabalho artesanal. Desde 1991, várias instituições têm promovido ações de capacitação para a melhoria da qualidade dos objetos. Entre elas, a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq-USP), o Instituto Socioambiental (ISA), o Sebrae e a Sutaco, do governo do Estado. Os quilombos recebem com frequência turistas e estudantes para visitas culturais, e, em Ivaporunduva, uma pousada hospeda até 60 visitantes.

Acima, flores em palha de milho em cor natural e com tingimento, autoria de Jorlene Higina Rosa e Esperança Rosa, de Sapatu (47 cm altura/ 8 cm diâmetro da flor). Ao lado, tapetes em trançado de fibra de bananeira em cores naturais, autoria de Maria Dáguia Marinho Silva, de Ivaporunduva (40 x 80 cm). Nas páginas seguintes, esteiras de trançado de fibra de bananeira em cor natural e tingidas, de Sapatu (79,5 x 80 cm).







RENDEIRAS DA ALDEIA | CARAPICUÍBA |

A ONG Oca Cultural foi criada em 1996 em Carapicuíba, na região metropolitana de São Paulo, para desenvolver atividades culturais gratuitas com crianças da região. A constatação de que muitos familiares eram iletrados deu origem a cursos de alfabetização de adultos. A aproximação de várias mães nesses cursos resultou, em 2006, no Rendeiras da Aldeia - o nome se refere ao fato de que a Oca se encontra instalada numa área em que foi criada uma aldeia jesuítica em 1580.

O grupo trabalhou inicialmente com o repertório de técnicas manuais trazido por cada mulher de seus lugares de origem. Uma trabalhara anteriormente na colheita de cana, outras eram empregadas domésticas; algumas bordavam nas horas vagas, outras faziam crochê. O encontro casual com a rendeira Wilma da Silva levou a uma mudança de tipologia. Pernambucana de Pesqueira,

ela aprendera o ofício da renda Renascença ainda menina e, em 2010, passou a compartilhar seus conhecimentos em Carapicuíba.

A Renascença é uma renda de agulha executada a partir de um desenho riscado em papel manteiga, sobre o qual, com uma agulha comum, se constrói a trama com linha e lacê (fita de algodão que une as tramas). É um trabalho demorado: cada vestido infantil da exposição levou 40 dias para ser feito.

Em 2013, apoiada pela Oca, Wilma foi nomeada e recebeu o prêmio de Mestre da Renda Renascença pelo Ministério da Cultura. As Rendeiras da Aldeia funcionam como um coletivo em que todas as integrantes tomam parte das decisões. Enquanto rendam, entoam cantos de trabalho relacionados com o tecer, o bordar, o rendar e o fiar, pesquisados por Lucilene da Silva, integrante da Oca Cultural.

Vestidos infantis em três motivos, fita de algodão (lacê) e linha de algodão. (57 x 58 cm | 47 x 55 cm | 35 x 41 cm).
Desenho em papel manteiga (102 x 101 cm).







SÃO BENTO POR VÁRIOS FIOS | SÃO BENTO DO SAPUCAÍ |

O São Bento por Vários Fios tem um núcleo fixo de 12 mulheres e a colaboração eventual de dezenas de outras. Os temas dos bordados giram em torno do patrimônio material e imaterial desta cidade, que fica na divisa entre São Paulo e Minas Gerais. De receitas culinárias a fachadas de prédios significativos, vários são os temas que fazem uma espécie de inventário da cultura local, num registro pessoal de cada bordadeira sobre o ambiente à sua volta.

O agrupamento começou a ser articulado em 2013. A publicitária Vânia Borelli acabara de se mudar para a cidade. Inspirada pelas lembranças da mãe bordadeira e interessada em se socializar, ela se inscreveu num curso de bordado na Casa da Cultura Miguel Reale. A experiência evoluiu para um projeto de inclusão social, cultural e econômica, que foi contemplado em

editais de economia criativa do Proac (Programa de Apoio à Cultura do Estado de São Paulo) nos anos de 2014, 2015 e 2016. Esse apoio permitiu que levassem a São Bento do Sapucaí, para intercâmbio, mestras artesãs de outras cidades brasileiras, e também Sissi Antunes, do grupo Arpilleras, do Chile, que teve no bordado uma ferramenta de manifestação política pela liberdade de expressão.

Os trabalhos expostos em EntreMeadas são lâminas soltas do livro *Quem conta um conto, aumenta um ponto. Memórias Bordadas de São Bento do Sapucaí*. O livro surgiu em 2017, com 100 páginas, e aos poucos vai ganhando novas páginas. A impermeabilização do tecido após o bordado facilita o manuseio e conservação do material nas várias exposições em que os trabalhos já foram apresentados.

Acima, lâminas soltas do livro *Quem conta um conto, aumenta um ponto. Memórias Bordadas de São Bento do Sapucaí*. Ao lado, acima, bordado sobre algodão, autoria de Maria Bernadete Costa Prado; embaixo, bordado sobre algodão com retalho de tricoline, autoria de Vânia Borelli (24 x 40,5 cm).

PINTAR E BORDAR

As mãos foram o instrumento primordial na elaboração das obras apresentadas em **EntreMeadas**. Reservamos um espaço generoso da exposição para que os visitantes usem as próprias mãos para conhecer várias das texturas e materiais presentes na mostra, numa ação que contempla também a acessibilidade para as pessoas com dificuldades visuais. O espaço se propõe, ainda, como local para a prática livre de trabalhos manuais e para oficinas.



Fibras de bananeira sem beneficiamento, descanso de panela de palha de milho em cores naturais (Arte e Vida), porta-copos de renda Renascença (Rendeiras da Aldeia) e Cartilha de Bordado (Bordadeiras do Jardim Conceição).



PROCESSOS E CONTEXTOS

| VÍDEOS |

Quais são os processos envolvidos nos trabalhos artesanais? Quais os contextos em que são feitos? As dificuldades e potencialidades das técnicas empregadas? Como se dá o uso e transformação das matérias-primas locais? E as narrativas que estão por trás das peças? Como tradição e inovação se combinam? Quais são os alcances e os limites das parcerias entre artesãos e designers?

Esses são alguns temas dos 26 vídeos e 62 publicações que integram a exposição e ficarão disponíveis para o público. Esse núcleo inclui não somente produções do Estado de São Paulo, mas amplia o olhar para o território nacional, apresentando experiências significativas relacionadas ao bordar, ao render, ao tecer e ao tramar.

PARTICIPANTES DA EXPOSIÇÃO

Abayomi Onã

11'55" - Oficina de Abayomi Resgate Ancestral. Apresentação: Elizabeth Regina. Direção de arte, fotografia e edição: Marcos Campos. Produção e roteiro: Uma Nuvem Preta

Associação Arte e Vida

4'20" - Tecnologia Social Arte na Palha Crioula: Banco de Milhos Crioulos. Realização: Fundação Banco do Brasil

Artesãs da Linha Nove

3'02" - Realização: Instituto Acaia

Bordadeiras do Jardim Conceição

4'10" - Pesquisa e produção: Tecido Social. Direção: Cibele de Barros

Cleide Toledo

7'04" - Conheça o artesanato feito com fibra de taboa. Realização Rede Aparecida. TV Aparecida.

Coletivo BordaEmia

3'38" - Painel Coletivo BordaEmia. Edição: Ale Passarim

Cooperativa Lili

3'06" - Primeira Oficina Cooperativa de Detentas em Tremembé
1'24" - Os primeiros produtos: Cooperativa Penitenciária Feminina II Tremembé. Realização: Humanitas360 e Secretaria de Administração Penitenciária. Vídeos: Luiza Matravolgyi

Lucinda Bento

21'55" - Lucinda, Mãe Negra da Cidade Doçura. Direção e roteiro: Maria Moema. Edição e finalização: Carlinhos Medeiros

Mulheres Artesãs da Enseada da Baleia

7'08" - Realização: ONG A Little Braver

Oficina dos Anjos

3'17" - Por dentro da parceria. Realização: Ecotece

Povo indígena Guarani Mbya

16'18" - Ajaka Para - Cestaria Guarani Mbya. Realização: Aldeia Tekoa Tenondé Porã. Produção: Jera Giselda

Projeto Tear

5'40" - Tear 15 anos. Realização: Prefeitura de Guarulhos

Quilombo Ivaporunduva

Ribeira Essencial - Um mergulho da cultura quilombola com Marcelo Rosenbaum
5'07" - A chegada
5'33" - A busca
4'57" - A criação
6'10" - A integração
Realização: Instituto Socioambiental (ISA) e Instituto A Gente Transforma

Rendeiras da Aldeia

2'36" - Realização: Escola Oca Cultural

VÍDEOS DE OUTROS ESTADOS

A riqueza do buriti

6'31" - Realização: Iphan/CNFCP. Direção: Beto Matuck

As mudas - Para um verão que virá

12'15" - Concepção e direção geral: Ronaldo Fraga. Vídeo: Marcelo Belém

Abayomi-Boneca Preta Brasileira

2'00" - Realização: Lena Martins

Boa noite, Ilha do Ferro

9'43" - Realização: A Casa - Museu do Objeto Brasileiro e Paula Ferber. Produção: Visto Filmes

Clarice, um patrimônio vivo de Alagoas

5'54" - Realização: Governo do Estado de Alagoas. Direção: Maria Amélia Vieira

Enlace - Flavia Aranha + Amaria

5'50" - Direção: Fabiana Ubida

Renda Irlandesa de Divina Pastora (SE)

3'08" - Realização: Sebrae Sergipe

Tesouros da Amazônia

2'15" - Realização: Sergio J. Mattos e Sebrae Amazonas. Edição: Casa Claudia



| Abayomi Onã



| Arte e Vida



| Cleide Toledo



| Povo indígena Guarani Mbya



| Mulheres Artesãs da Enseada da Baleia



| Quilombo Ivaporunduva



| Rendeiras da Aldeia

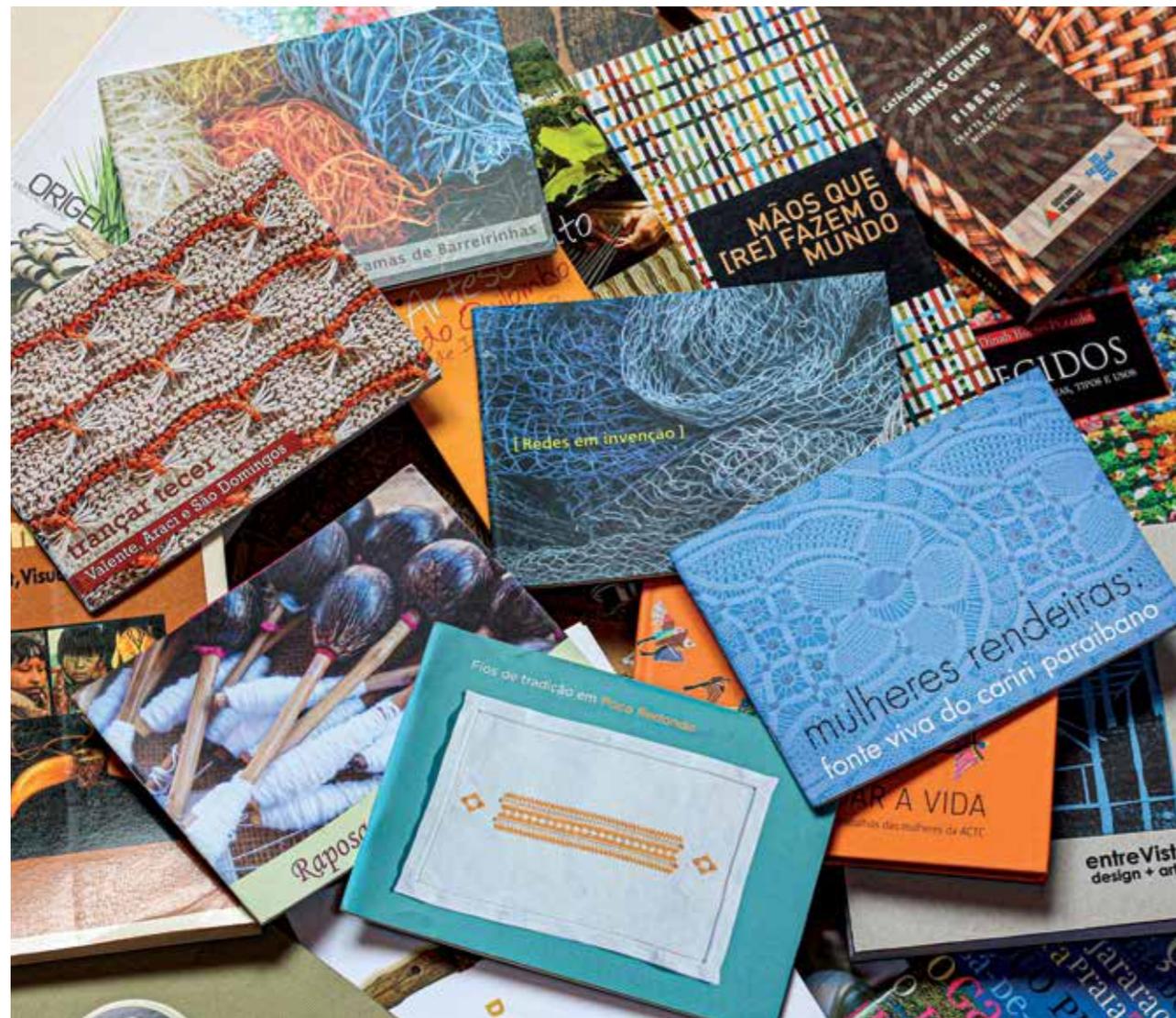


| Projeto Tear

| PUBLICAÇÕES |

O acervo montado e disponibilizado na exposição reúne obras de referência sobre o artesanato brasileiro no segmento de técnicas têxteis e cestarias. Entre a seleção, destaque para o conjunto de 19 catálogos da Sala do Artista Popular, edição do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular do Iphan, abordando temas como “Rendas de bilro de Florianópolis”, “O traído e o urdido: Tecidos de buriti dos gerais da Bahia”, “Capim dourado: Costuras e trançados do Jalapão”, “Fibras e tramas de Barreirinhas” e “Trançados e entalhes de Novo Airão”.

A colaboração entre designers e artesãos é tema tanto de catálogos de oficinas realizadas país afora, quanto de livros sobre designers com histórico de colaboração com comunidades. Entre os agentes de fomento, estão publicações do ArteSol, da A Casa – Museu do Objeto Brasileiro e do Sebrae. A seleção inclui, ainda, obras seminais para a compreensão da cultura material brasileira como o livro *Arte indígena, linguagem visual* (Itatiaia Editora, 1989), de Berta Ribeiro.



LIVROS

Andrade, Anna Maria; Tatto, Nilto. *Inventário cultural de quilombos do Vale do Ribeira*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2013.

Bernardes, Mana. *Mana e manuscritos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2011.

Borges, Adélia. *Design + Artesanato: o caminho brasileiro*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

Cabral, Germana; Pioner, Cristina. *Mãos que fazem história – A vida e obra das artesãs cerarenses*. Fortaleza: Editora Novos Mares, 2012.

Casara, Marques. *A gente transforma. Várzea queimada: espírito, matéria e inspiração*. Direção de Marcelo Rosenbaum. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert/ILDES, 2003.

Cavalcanti, Claudia; Mattoso, Chico. *Da sede ao pote*. São Paulo: Comunitas, 2003.

Dantas, Cármen Lúcia. *Mestres artesãos das Alagoas: fazer popular*. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2009.

França, Cassio Luiz de. *Comércio ético e solidário no Brasil*. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert/ILDES, 2003.

Gordinho, Margarida Cintra. *ArteSol 18 anos*. São Paulo: ArteSol, 2016.

Kubrusly, Maria Emilia; Imbroisi, Renato. *Lá e Cá: trocas culturais entre Brasil e países africanos de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2013.

Kubrusly, Maria Emilia; Imbroisi, Renato. *Desenho de fibra: artesanato têxtil no Brasil*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2011.

Macedo, Cristina; Rocha, Ana Augusta. *Bordar a vida: histórias dos trabalhos das mulheres da ACTC*. São Paulo: ACTC, 2012.

Mellão, Renata. *EntreVistas Design + Artesanato*. Organização e entrevistas por Daniel Douek e Lígia Azevedo. Vol 1. São Paulo: A Casa – Museu do Objeto Brasileiro, 2010.

Mellão, Renata. *Entrevistas Design + Artesanato*. Organização e entrevistas por Daniel Douek. Vol 2. São Paulo: A Casa – Museu do Objeto Brasileiro, 2012.

Paes, Bete. *Estampa brasileira*. São Paulo: BEI Comunicação, 2011.

Pereira, Lia Krucken. *Design e território*. Editora Nobel, 2000.

Ribeiro, Berta. *Arte indígena, linguagem visual*. São Paulo: Edusp, 2010.

Rocha, Ana Augusta. *Amaria, design e cooperação*. Minas Gerais: Auana, 2018.

Tomaz, Cristina Maria Macedo. *De boca em boca: histórias de todos os cantos do Brasil*. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

Tomaz, Cristina Maria Macedo. *Linhas da vida: bordado as histórias dos nossos corações*. São Paulo: ACTC, 2004.

Velasco, Cristiane. *Avoou, eu tava lá*. Flamingo edições, 2021.

Pezzolo, Dinah Bueno. *Tecidos: histórias, tramas, tipos e usos*. 5ª edição. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2017.

CATÁLOGOS DE EXPOSIÇÕES

A CASA ama Carnaúba. Catálogo de exposição do museu A CASA. São Paulo: A Casa – Museu do Objeto Brasileiro, 2018.

Cantos populares do Brasil: a Missão de Mário de Andrade. Catálogo de exposição do Centro Cultural São Paulo. Curadoria de Glaucia Amaral. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2004. OK

EntreMeadas. Catálogo de exposição do Sesc Vila Mariana. São Paulo, 2019.

Lina Bardí: Habitat. Catálogo de exposição do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. Curadoria de José Esparza Chong Cuy, Julieta González, Tomás Toledo. São Paulo: Masp, 2019.

Oceânica. Catálogo da Exposição Oceânicas – bordados em chita, Grupo Bordelando. Brasília, 2018.

Origem vegetal: a biodiversidade transformada. Catálogo de exposição do Centro de Referência do Artesanato Brasileiro. Curadoria de Adélia Borges e Jair de Souza. Rio de Janeiro: Sebrae, 2016.

Sonia Gomes: a vida renasce/ainda me levanto. Catálogo da exposição realizada no MAC Niterói. Curadoria Amanda Carneiro, Pablo León de la Barra e Raphael Fonseca. MASP, São Paulo, 2018.

SALA DO ARTISTA POPULAR

Catálogos da Sala do Artista Popular (SAP), realizada pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP).

Artes e ofícios de Pedro II. Pesquisa e texto de Luciana Carvalho. Iphan, CNFCP, 2009.

Boa-noite: bordados da Ilha do Ferro. Pesquisa e texto de Patrícia Azevedo. Iphan, CNFCP, 2010.

Bordados do Seridó. Pesquisa e texto de Túlio Lourenço do Amaral e Raquel Dias Teixeira. IPHAN, CNFCP, 2020.

Capim dourado: costuras e trançados do Jalapão. Pesquisa e texto de Carla Arouca Belas. Iphan, CNFCP, 2008.

Do fio à rede: tecelagem de Poço Verde. Pesquisa e texto de Marina Sallovitz. Iphan, CNFCP, 2016.

Fazer renda é trocar bilro. Pesquisa e texto de Ricardo Gomes Lima. Iphan, CNFCP, 2018.

Fibras e tramas de Barreirinhas. Pesquisa e texto de Wilmara Figueiredo. Iphan, CNFCP, 2012.

Fios de tradição em Poço Redondo. Pesquisa e texto de Marina Zacchi. Iphan, CNFCP, 2013.

Mulheres rendeiras: fonte viva do cariri paraibano. Pesquisa e texto de Cesar Baía. Iphan, CNFCP, 2018.

No “vão” do Uruçuia: fios que entrelaçam saberes. Organização de Raquel Dias Teixeira. Iphan, CNFCP, 2010.

O traído e o urdido: tecidos de buriti dos Gerais da Bahia. Pesquisa e texto de Ricardo Gomes Lima. Iphan, CNFCP, 2008.

Raposa de redes e rendas. Pesquisa e texto de Flávia Cerveira Tavares. Iphan, CNFCP, 2015.

Renda labirinto de Chã dos Pereira. Pesquisa e texto de Wilmara Figueiredo. Iphan, CNFCP, 2010.

Rendas de bilro de Florianópolis. Pesquisa e texto de Maria Armenia Müller Wendhausen. Iphan, CNFCP, 2011.

Rendas nas terras de Canaan. Pesquisa e texto de Guacira Waldeck. Iphan, CNFCP, 2011.

Redes em invenção. Pesquisa e texto de Guacira Waldeck. Iphan, CNFCP, 2016.

Trançados e entalhes de Novo Airão. Organização de Tatiana de Sá Freire Ferreira. Iphan, CNFCP, 2010.

Trançar, tecer: Valente, Araci e São Domingos. Pesquisa e texto de Camila Henrique Santos. Iphan, CNFCP, 2013.

DIVERSOS

Artesanato do Quilombo de Ivaporunduva. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006

Bichos do Mar de Dentro. Porto Alegre: Sebrae RS, 2007.

Catálogo de tipologia: fibras. Belo Horizonte: Sebrae MG, 2010.

Catálogo de tipologia: têxtil. Belo Horizonte: Sebrae MG, 2010.

Entre-nós, Grupo Bordelando, Brasília, 2012.

Invernada Estampada, São Borja, RS, 2008, Sebrae RS.

Laboratório O Imaginário, uma trajetória entre design e artesanato, Ana Maria Queiroz de Andrade e Virgínia Pereira Cavalcanti, Recife, Zoludesign, 2020.

Jalapão: Natureza e arte no paraíso dourado do Tocantins. Governo do Estado do Tocantins.

Lã Pura. Catálogo de coleção. Ministério de Desenvolvimento Agrário e Sebrae RS, 2009.

Mãos que (re)fazem o mundo. Catálogo. Talentos do Brasil. Ministério de Desenvolvimento Agrário e Sebrae, 2010.

Prêmio Sebrae Top 100 de artesanato. 2ª edição. Sebrae, 2011.

Renascença – Paraíba. Sebrae Paraíba.

Revista *Urdume* – Coleção impressa com edições 2, 3, 4, 5, 7 e 8, Instituto Urdume, São Paulo.



TRAMA ESPACIAL

ADRIANA YAZBEK
ARQUITETA

Tramas têxteis, tramas com fibras, bordados, fios e linhas inspiraram a concepção da expografia. O espaço é formado por uma grande trama tridimensional disposta em quatro eixos inclinados, que também criam novas tramas a partir da sobreposição dos planos, à medida que o observador se desloca. Sobre as paredes das tramas, e também em vitrines e bancadas, estão as obras. Cores cheias de vigor e alegria - magenta, vermelho e laranja - constroem a trama e recebem o trabalho precioso e potente das mestras artesãs.

| PALETA DE COR |

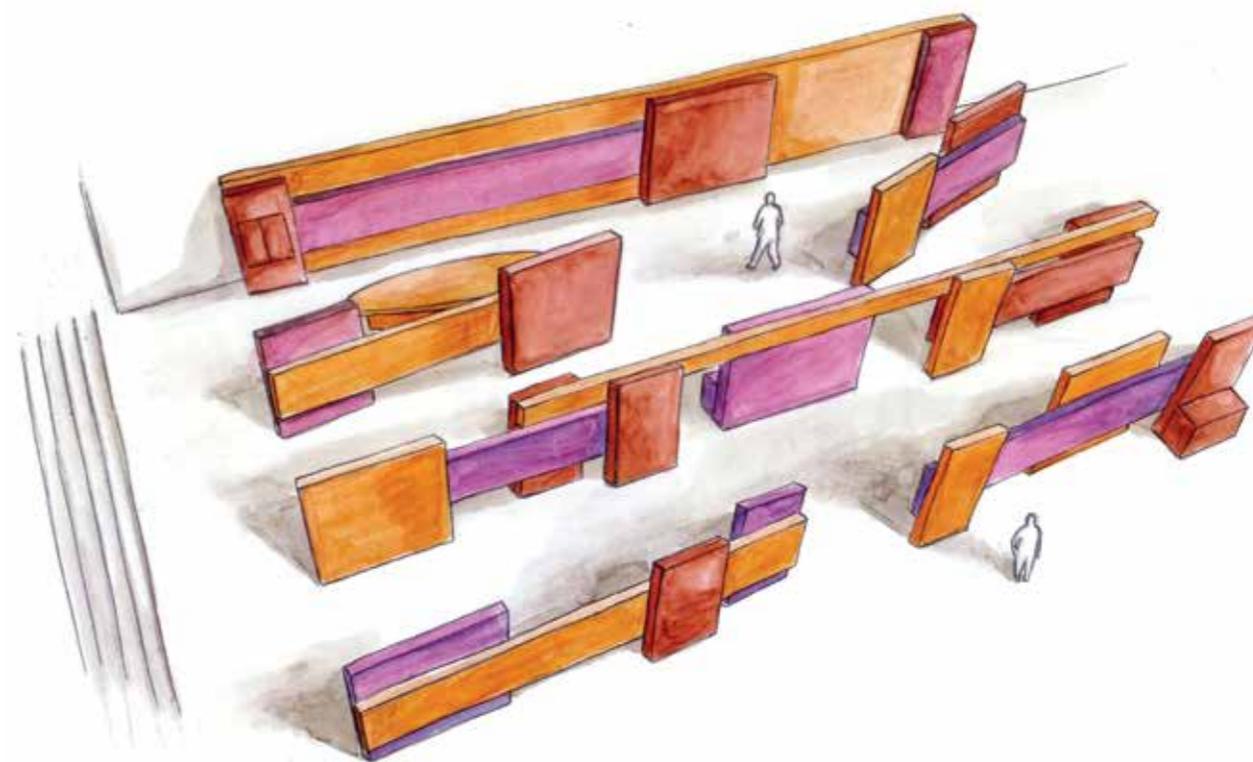


LARANJA
EXPOGRAFIA

VERMELHO
EXPOGRAFIA

FÚCSIA
EXPOGRAFIA

ROXO
SINALIZAÇÃO



EM MEIO ÀS MEADAS

TISSA KIMOTO
DESIGNER

Uma exposição como **EntreMeadas** não se limita, nem deve se limitar, em sua temática, a técnicas e materiais. A importante missão de mostrar a riqueza do artesanato feito por mulheres no estado de São Paulo é também valorizar o fazer e os processos manuais, a coletividade e o poder do feminino, o patrimônio imaterial das expressões culturais populares e a escolha do singular em detrimento do design massificado.

A fim de traduzir graficamente a profundidade da temática, a concepção da identidade visual se deu de maneira a priorizar o processo, seja de criação ou manufatura, tanto quanto o resultado final, sendo este fruto de uma construção coletiva entre a curadoria, as artesãs e designers Cris Burger e Mara Doratiotto, e o design gráfico. Todas as etapas - a definição da estrutura do logotipo, o uso de tipos vernaculares (tipografia artesanal), a execução dos painéis manualmente, a escolha de materiais, técnicas e cores - vêm a resultar em algo único, rico em significado, uma reverência ao tema aqui abordado.

| ESTUDO COM TIPOGRAFIA VERNACULAR |





| Trançado de fibra de taboa, Cleide Toledo.



HOMENAGEM A UMA GUERREIRA

A edição de **EntreMeadas** em Guarulhos homenageia uma mulher muito especial: Lucinda Bento. Nós a conhecemos nas pesquisas para a primeira edição da exposição. Seu nome se destacou, tanto pela pulsão artística de seu trabalho quanto por sua capacidade de articulação e liderança. Ficamos desconcertadas ao constatar como uma criadora tão forte e potente permaneceu durante tantos anos desconhecida no circuito “oficial” das artes. Certamente a falta de reconhecimento se deve às distorções acumuladas durante séculos de uma visão eurocêntrica da cultura, preconceituosa em relação à contribuição das populações afrodescendentes, das camadas pobres e ainda das mulheres.

Em outubro de 2019, quando mais de 800 pessoas se reuniram no amplo *hall* do Sesc Vila Mariana para a abertura da exposição, ela falou em nome das participantes. Mesmo debilitada, numa cadeira de rodas e com um cilindro de oxigênio, Lucinda deu o seu recado e transmitiu o carisma de alguém que via na beleza e na cultura uma forma de encantar o cotidiano. Um câncer no pulmão a levou um mês depois, em novembro de 2019.

Trouxemos para essa homenagem uma de suas últimas obras e o vídeo “Lucinda, mãe negra da cidade doçura”, realizado em 2021 por Maria Moema, com recursos da Lei Aldir Blanc. O documentário mostra como ela contagiou moradores de Américo Brasiliense e a comunidade paulista de artesãos com seu exemplo, seus ensinamentos, sua alegria, sua intensidade. Com sua trajetória, essa guerreira demonstrou que as pessoas não precisam de escolaridade formal para conseguir expressar uma alta voltagem criativa em objetos que elaboram com as próprias mãos.

Lucinda Bento em 2018, em frente a muro da Escola Municipal Dona Lúcia Mariana Romania Berti, em Américo Brasiliense. O painel foi elaborado por alunos dos 5º anos com orientação do professor de artes William Modesto. Foto Leocardia Cruz.

LISTA DE PARTICIPANTES

ABAYOMI ONÃ

| GUARULHOS |

Elizabeth Regina (1996, Guarulhos, SP)

ACTC - CASA DO CORAÇÃO

| SÃO PAULO |

PARTICIPANTES DA EXPOSIÇÃO

Ervelinda Gumz Klug (1956, Cariacica, ES)

Rosenilda Rolim Lemos de Oliveira (1975, Piquet Carneiro, CE)

COORDENAÇÃO

Cristina Macedo Tomaz (1955, Ituiutaba, MG)

ARTE E VIDA

| GUAPIARA |

Alice de Oliveira Almeida (1968, Guapiara, SP)

Ana Cláudia G. de Lima (1996, Guapiara, SP)

Elizabeth Neves de Oliveira (1953, Guapiara, SP)

Inês Nunes da Costa (1958, Guapiara, SP)

Ione Pereira Manfrim (1957, Santo André, SP)

Iracema Gonçalves Galdino (1958, Guapiara, SP)

Ivone Gonçalves Galdino (1977, Guapiara, SP)

Maria Aparecida da Silveira (1943, Angatuba, SP)

Nadir Ribeiro de Lima (1965, Guapiara, SP)

Natalina Rodrigues da Costa (1959, Guapiara, SP)

Nilma Costa de Andrade (1971, Guapiara, SP)

Rosa de Oliveira Cruz (1959, Guapiara, SP)

Rosângela G. do Nascimento (1978, Guapiara, SP)

Sirlene Alves Galvão (1975, Guapiara, SP)

Vânia Fátima da Costa (1988, Capão Bonito, SP)

Vanilda Silveiro de Souza (1973, Guapiara, SP)

ARTE ROSES

| BERTIOGA |

Rosângela Camilo de Sousa (1968, Jacarepaguá, RJ)

Rosemeire Camilo de Souza (1967, Jacarepaguá, RJ)

ARTESÃS DA LINHA NOVE

| SÃO PAULO |

Bruna dos Santos Cortes (1990, São Paulo, SP)

Célia Maria dos Santos (1966, Recife, PE)

Jeane de Jesus Silva (1980, Santa Luz, BA)

Juventina Matos de Assis (1951, Apiaí, PR)

Márcia Vieira (1965, Erechim, RS)

Maria da Paz Ribeiro (1983, São João do Piauí, PI)

Maria Gorette Eduardo (1961, Quixeramobim, CE)

Maria Teresa da Silva (1969, Salgadinho, PE)

Marilene Bezerra da Silva (1969, Senador Pompeu, SC)

Monica Rodrigues Vasconcelos (1985, São Paulo, SP)

Nilma Maria dos Santos (1960, Fortaleza, CE)

COORDENAÇÃO

Cléo Viana (1965, Novo Cruzeiro, MG)

BANARTE

| MIRACATU |

Agatha Milena P. dos Santos (Pariquera-Açu, SP)

Cristiano de Souza Silva (1987, São Paulo, SP)

Domingas de Sousa Gama (1965, Avelino Lopes, PI)

Elisabete de Costa Souza (1997, Juquiá, SP)

Eufronia Mogro Barrios (1986, Bolívia)

Eva José dos Santos (1961, Porto Seguro, BA)

Maria Creusa de Paula Ayabe (1965, Miracatu, SP)

Marinalva da Glória Lopes (1976, Andaraí, BA)

Marinete da Silva Novaes (1967, Miracatu, SP)

Marlene Mathias Mendes (1976, Registro, SP)

Marlene Souza Motta (1966, Juquiá, SP)

Paloma Lima Novaes (1996, Andaraí, BA)

Rosângela Santos (1977, São Bernardo do Campo, SP)

Solange Ferreira Felix (1978, Juquiá, SP)

COORDENAÇÃO

Léia Alves (1977, São Paulo, SP)

BORDADEIRAS DO JARDIM CONCEIÇÃO

| OSASCO |

Aline Terezinha Michelin (1953, Guarapuava, PR)

Alzira Souza de Oliveira (1972, Ouricuri, PE)

Aparecida Barbosa Jesus Silva (1966, Osasco, SP)

Celia Maria dos Santos Silva (1979, Batalha, PI)

Damiana Maria de Souza (1955, Aureliano Leal, BA)

Eidi Tais de Lima Lopes (1978, Osasco, SP)

Eva Maria de Jesus Vieira (1961, Fortaleza, CE)

Heloiza Maria L. Silveira (1963, Itaueira, PI)

Joeleuza Teles (1969, Andaraí, BA)

Joselia A. Antunes (1972, Canto do Buriti, PI)

Lislene Duque de A. Santos (1973, Itabuna, BA)

Maria das Graças S. Oliveira (1956, Macarani, BA)

Maria Luiza Mendes Barbosa (1957, Januária, MG)

Maria Luiza Nunes Soares (1962, Mairi, BA)

Marlete Lima (1973, São Paulo, SP)

Mileide Paula Soares (1954, Osasco, SP)

Patricia Mitico Kawakami (1970, São Paulo, SP)

Renata F. Lopes (1986, Santo Antônio da Platina, PR)

Renata Reis Albuquerque (1986, Belo Horizonte, MG)

Rozeli Candida da Silva (1976, Januária, MG)

Sonia Maria Leal Bento (1967, Maranguape, CE)

Terezinha Mendes dos Santos (1974, Batalha, PI)

Veroneide Batista Lima (1973, Fortaleza, CE)

OFICINAS REALIZADAS POR

Cristiana Pereira Barretto (1962, São Paulo, SP)

Renato Imbroisi (1961, Rio de Janeiro, RJ)

CLEIDE TOLEDO

| SÃO PAULO |

Cleide Toledo (1958, Areiópolis, SP)

COLETIVO BORDAEMIA

| SÃO PAULO |

Alessandra Passarim (1972, São Paulo, SP)

Clélia Maria de Oliveira Ferreira (1949, Mineiros, GO)

Cristiane Rembowski (1967, Porto Alegre, RS)

Daniela Naomy Asanome (1978, Apucarana, PR)

Fabiana G. M. Guilhermetti (1977, Assis, SP)

Fátima Pereira (1953, Recife, PE)

Fernanda Grandesso (1979, São Paulo, SP)

Gisela Gayoso C. Bueno (1966, São Paulo, SP)

Lorraine Yoshi H. Paixão (1967, São Paulo, SP)

Maria Ângela R. de Castro (1951, São Paulo, SP)

Maria da Graça F. Nacaratto (1961, São Paulo, SP)

Erdina P. Lopes (1941, Santa Rita do Passa Quatro, SP)

Yeda Maria Gabriel Schwinden (1934, Fartura, SP)

Renata Gabriel Schwinden (1964, São Paulo, SP)

Maria Aparecia S. da Silveira (1945, São Paulo, SP)

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO

Joana Salles (1976, São Paulo, SP)

COORDENADORA (ARTES VISUAIS) 2016-2017

Simone Lima

COLETIVO YBYATÃ

| SÃO PAULO |

Daniela Angeloni (1982, São Paulo, SP)

Fabio Lino de Medeiros (1987, Irecê, BA)

Gilmara Neres (1982, São Paulo, SP)

Gisela Nigro (1961, São Paulo, SP)

Lucia Filomena (1962, São Paulo, SP)

Maria Aquino (1959, Aquidabã, SE)

Maria Inês Barone (1964, São Paulo, SP)

Noriko Hiramatsu (1948, Aichi-ken, Japão)

Vanessa dos Santos (1982, São Paulo, SP)

COOPERATIVA LILI

| TREMEMBÉ |

30 detentas e ex-detentas da Penitenciária Feminina II de Tremembé

OFICINAS REALIZADAS POR

Cristiana Pereira Barretto (1962, São Paulo, SP)

Renato Imbroisi (1961, Rio de Janeiro, RJ)

ELIANA BOJIKIAN POLITO

| BAURU |

Eliana Bojikian Polito (1962, Jaú, SP)

LUCINDA BENTO

| AMÉRICO BRASILIENSE |

Lucinda Bento (1941, São Gonçalo do Sapucaí, MG - 2019, Américo Brasiliense, SP)

Iracema Macário de Abreu (1961, Tejupá, SP)

Vania Boni Oliveira (1969, Ibaté, SP)

MULHERES ARTESÃS DA ENSEADA DA BALEIA

| CANANEIA |

Débora Cardoso Mendonça (1980, Pariqueira-Açu, SP)

Enerilda do Carmo Cunha (1980, Guaraqueçaba, PR)

Jaqueline Lago Cardoso (1986, Iguape, SP)

Jocemara Lago Cardoso (1964, Campos Novos, SC)

Joyce Mendonça Cardoso (1980, Iguape, SP)

Maria de Lourdes C. Mendonça (1959, Paranaguá, PR)

Tatiana Mendonça Cardoso (1982, Cananéia, SP)

Terezinha do Carmo M. Cardoso (1964, Cananeia, SP)

Viviana Aparecida da Cunha (1989, Cananéia, SP)

NHANDUTI DE ATIBAIA

| ATIBAIA |

Elizabeth Horta Correa (1951, São Paulo, SP)

Cícera Mendes (1970, Sairé, PE)

ODETE CORADINI

| OLÍMPIA |

Odete Coradini (1946, Goiás, GO)

OFICINAS REALIZADAS POR

Fabíola Bergamo (1961, São Paulo, SP)

OFICINA DOS ANJOS

| SÃO PAULO |

Aldenise Xavier Ricci (1957, São Paulo, SP)

Alex Hideyaki Okada (1957, Monte Alto, SP)

Ana Paula Aparecida Ferreira (1985, São Paulo, SP)

Luciana Santos Rocha (1972, São Paulo, SP)

Mariah Silberman (1960, Florianópolis, SC)

Terezinha Evangelista dos Santos (1956, Aimorés, MG)

COORDENAÇÃO

Fátima Ramalho (1956, Santa Rita do Passa Quatro, SP)

ESTÚDIO FERNANDA YAMAMOTO

Fernanda Yamamoto (1979, São Paulo, SP)

Luciana Bortowski (1992, São Paulo, SP)

Fernando Dassol Jeon (1990, São Paulo, SP)

Isabella Luglio (1993, São Paulo, SP)

INSTITUTO ECOTECE

Gestora do projeto: Ivi Mimoto Rufino (1990, Osasco)

PIRADAS NO PONTO

| SÃO PAULO |

PARTICIPANTES DA EXPOSIÇÃO

Adriana Gragnani (1952, São Paulo, SP)

Marília Martins Coelho (1942, Belo Horizonte, MG)

Sonia Bianco (1947, Vera Cruz, SP)

POVO INDÍGENA GUARANI MBYA

| SÃO PAULO E EL DORADO |

PARTICIPANTES DA EXPOSIÇÃO

Ara Florinda (Aldeia Indígena Tenondé Porã, São Paulo, SP)

Poty Justina (Justina Martins da Silva, 1975, Aldeia

Indígena Tenondé Porã, São Paulo, SP)

PROJETO TEAR

| GUARULHOS |

Bruna de Lima Godoi (1994, Arujá, SP)

Claudia Moreira da Silva Ramos (1970, São Paulo, SP)

Daniel Pereira Barbosa (1979, São Paulo, SP)

Edi Carlos Ribeiro (1969, Guarulhos, SP)

Edmilson Vitorino (1957, Natal, RN)

Emerson da Silva (1982, Guarulhos, SP)

Eva Maria Rocha dos Santos (1958, Maracás, BA)

Geovan José de Lima (1970, Guarulhos, SP)

Josenildo da Silva Andrade (1966, Belo Jardim, PE)

Luciane Santana Silva (1980, Mairi, BA)

Luciano Pestille de Araújo (1975, Guarulhos, SP)

Maria Gilsoneide Moraes Oliveira (1975, Tabira, PE)

Maria Laura da C. Paiva (1961, Entre Rios de Minas, MG)

Silvania Leal dos Santos (1970, Arapiraca, AL)

Thiago Felix Bomfim (1996, São Paulo, SP)

Vania Paula Sala Lorençato (1977, São Paulo, SP)

Wanderley Gomes de Lima (1964, São Paulo, SP)

Willian Marques da Silva (1997, São Bernardo, SP)

QUILOMBOS IVAPORUNDUVA E SAPATU

| EL DORADO |

IVAPORUNDUVA

Adriana Furquim dos Santos (1996, Eldorado, SP)

Cacilda da Silva Marinho (1945, Eldorado, SP)

Laudixandra Marinho (1980, Pariqueira-Açu, SP)

Maria Dáguia Marinho Silva (1961, Eldorado, SP)

Maria José L. Anjo (1988, Eldorado, SP)

Mariane Marinho (1988, Itatiba, SP)

Mauro Furquim da Motta (2002, Registro, SP)

Micheli Karine do Amaral (1987, Pariqueira-Açu, SP)

Paula Moraes Silva (1973, Registro, SP)

SAPATU

Ivo dos Santos Rosa (1965, Eldorado, SP)

Jorlene Hígina Rosa (1980, Eldorado, SP)

Esperança Ramos Rosa (1945, Eldorado, SP)

João dos Santos Rosa (1942, Eldorado, SP)

Laura Furquim Machado (1941, Eldorado, SP)

RENDEIRAS DA ALDEIA

| CARAPICUÍBA |

Aliane Lindolfo da Silva (1971, Igarassu, PE)

Dalva L. de Carvalho (1956, Miguel Calmon, BA)

Edivânia Eloi da S. Marques (1979, Poçoão, PE)

Ione Queiroz de Jesus (1967, Januária, MG)

Lucilene da Silva (1974, Palmital, PR)

Márcia Ferreira Mesquita (1961, Três Corações, MG)

Maria de Fátima V. B. Daniel (1960, Faxinal, PR)

Marta Mursa (1959, São Paulo, SP)

Núbia Gomes Esteves (1966, Teófilo Otoni, MG)

Wilma de Fátima da Silva (1967, Pesqueira, PE)

SÃO BENTO POR VÁRIOS FIOS

| SÃO BENTO DO SAPUCAÍ |

Alice Correa (1950, São Paulo, SP)

Ariane Ferreira (1963, São Bento do Sapucaí, SP)

Cecília Ramos (1965, São Paulo, SP)

Eliana B. de Aguiar (1967, São Bento do Sapucaí, SP)

Lucia Hörmann (1949, Campos do Jordão, SP)

Maria Bernadete C. Prado (1956, São Bento do Sapucaí)

Marilúcia Bernardi (1953, Jundiá, SP)

Neusa Santos (1963, São Bento do Sapucaí, SP)

Sofia de A. Silva (2004, São Bento do Sapucaí, SP)

Valéria Oliveira (1964, São Bento do Sapucaí, SP)

Vânia Borelli (1964, São Paulo, SP)

Zilda Gabriel (1964, Taubaté, SP)

IDENTIDADE VISUAL À MÃO PESQUISA, CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Cris Burger (1948, Porto Alegre, RS)

Mara Doratiotto (1950, São Paulo, SP)

BONECAS DE PANO

Nilza Bezerra da Silva (1965, Gravatá, PE)

PEÇAS DE CROCHÊ

Maria Ana Rocha (1964, Brejolândia, BA), coordenadora do grupo Crochê Fio da Vida, Santa Maria (DF)

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL

Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

Técnico-social Joel Naimayer Padula **Comunicação Social** Ivan Paulo Giannini

Administração Luiz Deoclécio M. Galina **Assessoria Técnica e de Planejamento** Sérgio José Battistelli

GERENTES

Artes Visuais e Tecnologia Juliana Braga de Mattos **Estudos e Desenvolvimento** Marta Raquel Colabone

Artes Gráficas Rogério Ianelli **Difusão e Promoção** Marcos Ribeiro de Carvalho

Sesc Guarulhos Oswaldo Almeida Jr.

EQUIPE SESC

Alex Anastácio, Alexandre Leopoldino, André Locateli, Adriano Alves, Cherrye Mendes, Eduardo Freitas, Fabiana Monteiro, Fernanda Paccanaro, Heloísa Gramari, Izaídis Pereira Jr., João Paulo L. Guadanucci, Johnny Abila, Julia Stabel, Karina Musumeci, Lizandra Magalhães, Mara Rita Oriolo, Marcus Rocha, Nilva Luz, Rodrigo Melo, Suellen Barbosa, Thamires Motta, Thamyres Rodrigues, Valmir da Silva e Willians Mota.

ENTREMEADAS

Curadoria Adélia Borges **Assistência de Curadoria** Jaine Silva **Produção Executiva** MadaiArt |

Angela Magdalena **Coordenação de Produção** Lorena Oliveira Vilela **Produção** Helena Prado **Pesquisa**

Ivan Vieira, Jaine Silva e Priscila Lourenção **Arquitetura** Adriana Yazbek **Assistência de Arquitetura**

Alexandre Lins, Luiza Ho e Nathalia Duran **Iluminação** Fernanda Carvalho **Comunicação Visual**

Pandoala Estúdio | Tissa Kimoto **Assistência de Comunicação Visual** Perrine Laborde Leão **Painéis**

Cris Burger, Mara Doratiotto e Tissa Kimoto **Participação nos Painéis** Nilza Bezerra da Silva, Gravatá,

PE – bonecas de pano; Agulha Mágica – Maria Ana Rocha, Brejolândia, BA – peças de crochê **Edição**

de Vídeos Luccas Villela **Coordenação de Montagem** Primeira Opção | Sergio Santos **Assistência de**

Coordenação de Montagem Agnes Rosa **Montagem Fina** Miguel Freitas, Pedro Millan e Willians Pereira

Montagem de Suportes Quilombo Cenografia **Revisão** Cícero Oliveira **Cenografia** Cenografia Catanduva

Sinalização Arte Viva **Coordenação Administrativa** Nelma Alós **Assistência Administrativa** Tatiane

Monteiro **Equipamentos de Luz** FBA Produção e Organização de Eventos **Equipamentos Audiovisuais**

Spot Light Locações **Ação Educativa** Carolina Velasquez

Coleções A CASA – Museu do Objeto Brasileiro, Adriana Gagnani, Elizabeth Horta Correa, Escola

Municipal de Iniciação Artística (Emia), Fernanda Yamamoto, Marília Martins Coelho, Liane Ralston

Bielawski, Lucinda Bento, São Bento por Vários Fios, Sesc São Paulo e Sonia Bianco.

PUBLICAÇÃO

Coordenação editorial e textos sobre participantes Adélia Borges **Projeto gráfico** Pandoala Estúdio |

Tissa Kimoto **Fotografias** Mariana Chama

30 de abril de 2022 a 14 de agosto de 2022

Terças a sextas, das 9h às 21h30

Sábados, das 9h às 20h

Domingos e feriados, das 9h às 18h

Agendamentos de visitas mediadas para grupos

agendamento.guarulhos@sescsp.org.br

Sesc Guarulhos

Rua Guilherme Lino dos Santos, 1200

Jardim Flor do Campo, Guarulhos - SP, CEP 07190-010

TEL.: +55 11 2475 5550

    /Sesc Guarulhos

sescsp.org.br/guarulhos